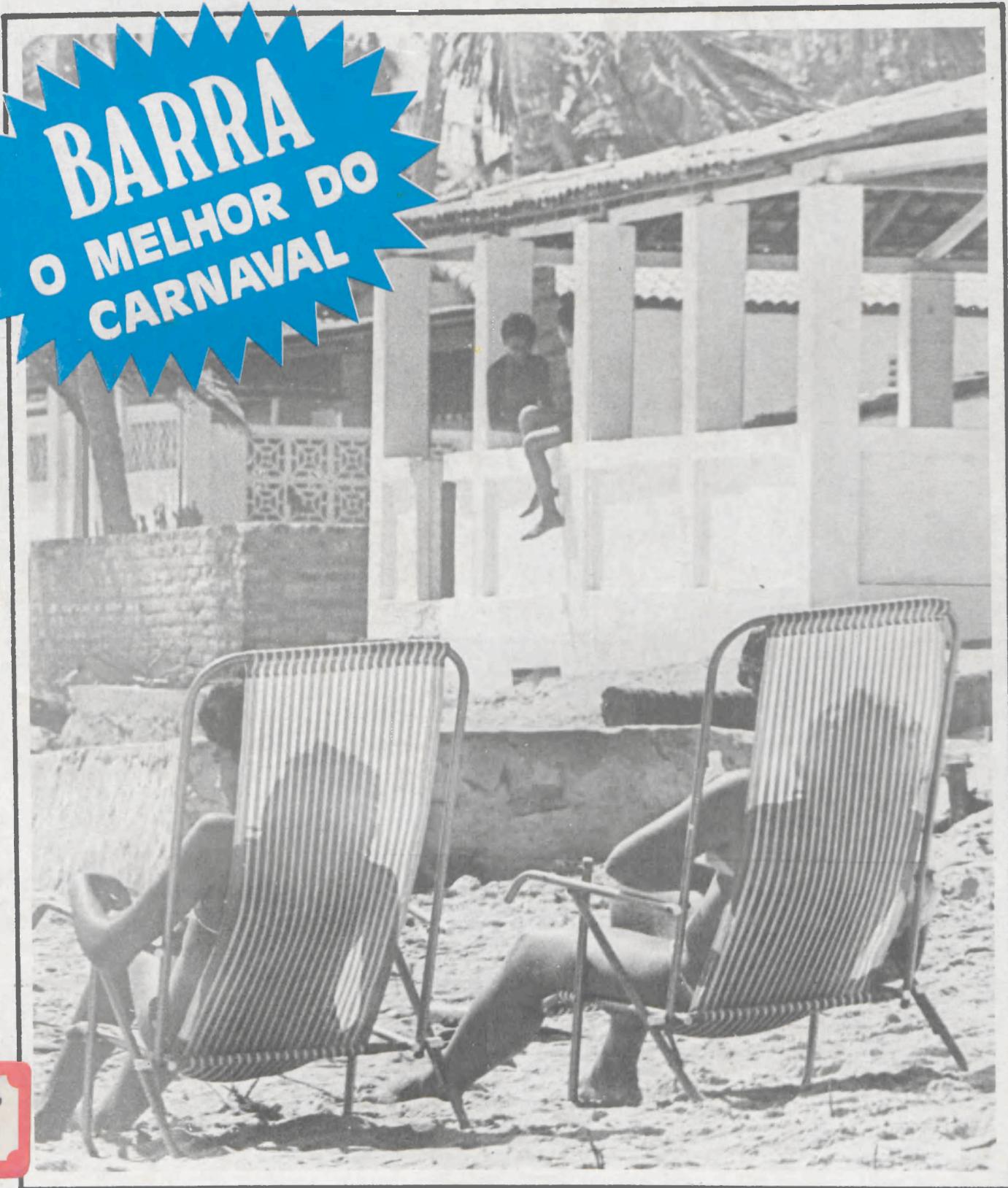


REVISTA MENSAL

RN / ECONÔMICO

ANO XV — N.º 149 — JANEIRO/84 — CR\$ 1.000,00

BARRA
O MELHOR DO
CARNAVAL



415

VILANÍ VEÍCULOS



O MAIOR PARQUE DE EXPOSIÇÕES DE CARROS NOVOS E USADOS EM CURRAIS NOVOS

Vilaní Veículos tem o maior parque de exposições de carros novos e usados em Currais Novos.

Toda a linha Ford, Chevrolet, Dodge e Volkswagen você encontra em Vilaní Veículos e compra o seu automóvel sem complicações, podendo utilizar o financiamento direto ou da financeira. Os planos de vendas a prazo são os melhores do Seridó.

Na hora da compra ou da troca do seu carro, seja qualquer for a marca, procure quem tem tradição no ramo, melhores preços e é o pioneiro na Região. Procure Vilaní Veículos.



Vilaní Veículos

J. VILANI & CIA.

Rua Teotônio Freire, 44 Currais Novos - tel. 431-2062

ÍNDICE

ESTADO

RN pode aproveitar "Nordeste Maravilha".....	13
O leão continua faminto.....	16
APEC solidifica sua posição na Educação.....	17
Sylvio Pedroza, a volta do bom governante.....	18
É difícil quem não apoia as diretas.....	21
Empreguismo e seus problemas.....	22
No ar, a guerra eletrônica.....	25
Ana dirige a Trairy e vence preconceitos.....	26
CVV: um telefonema para salvar vidas.....	28
Acumulação de cargos e as resistências.....	29
Previdência: um novo esquema em ação.....	30
Comércio: crise continua em 84.....	31
Ribeira: a decadência continua.....	34
Saudação de quem viveu os bons tempos.....	36
Um livro que exala região.....	40
Pepsi marca sucesso de vendas.....	41

ARTIGOS

Manoel Barbosa.....	7
Raimundo Soares.....	20
Garibaldi Filho.....	44
Rosemilton Silva.....	46

SEÇÕES

Homens & Empresas.....	4
Veículos.....	32
Cultura.....	42

HUMOR

Cláudio.....	45
--------------	----

CAPA

Foto de Flávio Américo



O carnaval da Barra

Natal nunca teve tradição carnavalesca. A tradição de Natal é de sol o ano inteiro e belas praias. Mas, se Natal não tem essa tradição, pelo menos alguma coisa de novo está surgindo em termos de folia. Se não exatamente na cidade mas, pelo menos, numa das praias do Litoral Norte: Barra de Maxaranguape. Ali, alguns veranistas, que não tinham ido para Olinda, Recife, Salvador ou Rio,

começaram a improvisar um carnaval, há poucos anos. Da improvisação, veio a animação, pois carnaval é animação. E, agora, o carnaval da Barra de Maxaranguape já começa transpor fronteiras. Numa reportagem que começa na página oito, estamos contando não só a história do carnaval da Barra, como também das bandas de Natal e de uma folia que tenta criar alguma coisa de tipicamente potiguar.

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL • ANO XV • N.º 149 • JANEIRO/84 • CR\$ 1.000,00

DIREÇÃO:
DIRETOR/EDITOR: Marcelo Fernandes de Oliveira
DIRETORES: Núbia Silva Fernandes de Oliveira, Maurício Fernandes de Oliveira e Fernando Fernandes de Oliveira.
REDAÇÃO
DIRETOR DE REDAÇÃO: Manoel Barbosa
ARTE E PRODUÇÃO
Edilson Martins de Araújo

PROGRAMAÇÃO VISUAL E DIAGRAMAÇÃO: Moacir de Oliveira.
FOTOCOMPOSIÇÃO: Antônio José D. Barbalho
DEPARTAMENTO COMERCIAL
GERENTE COMERCIAL: Vanda Fernandes de Oliveira
GERENTE DE ASSINATURAS: Antônio Emídio da Silva
RN/ECONÔMICO — Revista mensal especializada em assuntos sócio/econômicos do Rio Grande do Norte.

é de propriedade de RN/ECONOMICO EMPRESA JORNALISTICA LTDA. — CGC n.º 08.286.320/0001-61 — Endereço: Rua São Tomé, 421 — Natal (RN) — Fone: 222-4722. É proibida a reprodução total ou parcial de matérias da revista, salvo quando seja citada a fonte. Preço do exemplar: Cr\$ 800,00. Preço da assinatura anual: Cr\$ 8.000,00. Preço da assinatura bial: Cr\$ 13.000,00. Preço do número atrasado: Cr\$ 1.500,00.



AS FEIRAS E FEIRÕES MARCAM SUCESSO — A modalidade de feiras e feirões de veículos têm marcado o maior sucesso em Natal e seus promotores não pretendem parar com a iniciativa. A última no Shopping Center Cidade Jardim, apresentou um balanço de mais de 40 unidades vendidas.

★ ★ ★ ★ ★

NOVAS VERSÕES DO MONZA EM NATAL — A Natal Veículos está recebendo o Monza, em todas as versões, equipado com o novo motor a álcool 1.8, praticamente pelo mesmo preço do normal. Segundo o seu diretor comercial, Tomaz Silveira Guimarães, a família Chevrolet está satisfeita porque o Chevette terminou 1983 como o carro mais vendido do ano, em todo o Brasil, ganhando até mesmo para o Fusquinha. A Natal Veículos está com um novo método de vendas externas, visitando os clientes no próprio domi-

cílio para demonstrações. Essa nova estratégia tem apresentado excelentes resultados, fazendo com que a tradicional empresa natalense ficasse no segundo lugar entre as revendas da GE na Região.

★ ★ ★ ★ ★

REATIVAÇÃO DE OBRAS — Aos poucos, o setor público reativa algumas obras. A construtora Dirceu Victor Gomes de Hollanda, está construindo a ponte sobre o riacho das Quintas. O contrato é no valor de Cr\$ 120 milhões e o prazo para a conclusão da obra é de seis meses.

★ ★ ★ ★ ★

EMPRESÁRIOS APROVAM MALUF — Ótima. Essa é a impressão quase unânime dos empresários do Rio Grande do Norte após a reunião mantida com o presidenciável Paulo Maluf no auditório do Sesc. Os empresários mostraram-se surpresos

com o conhecimento que ele demonstrou dos problemas do Estado e algumas soluções originais que apresentou. O que impressionou mais foi a iniciativa de procurar a classe empresarial para um «jogo aberto», na expressão de um influente empresário local.

★ ★ ★ ★ ★

INTERIOR PAGA MELHOR — Mesmo com os cinco anos, a quase falência da agropecuária e, conseqüentemente, a menor circulação de riquezas, o homem do interior é muito melhor pagador das suas dívidas do que o da Capital. Segundo os dados do Serviço de Proteção ao Crédito — SPC, a inadimplência nas lojas de Natal é muito maior do que nas filiais do interior. A interpretação é que o homem do interior é mais cioso do seu crédito.

★ ★ ★ ★ ★

O SUPÉRFLUO VEN-

DE — Nos tempos difíceis como os atuais algumas lojas de Natal estão tendo sucesso não com produtos baratos e tradicionais, mas com os supérfluos. Um dos exemplos é a rede de lojas de «A Sertaneja». Uma rápida pesquisa mostrou que o consumidor local está no seguinte dilema: o que tem TV a cores, não muda agora; quem não tem; não pode comprar. Assim, a solução é colocar um supérfluo alternativo. Essa é a razão porque os videogames têm tido tanto sucesso em Natal, a ponto da própria «A Sertaneja» ter esgotado todo o estoque inicial. O que anda parado mesmo é o setor de vendas de videocassete, pois os preços dispararam e cada aparelho está custando em média Cr\$ 2 milhões.

★ ★ ★ ★ ★

BB TERÁ AGÊNCIA PAGADORA — O Banco do Brasil já está terminando de estruturar a sua agência pagadora,

que vai funcionar na Prudente de Moraes, num prédio alugado. Essa agência ficará encarregada dos pagamentos da Petrobrás, pessoal militar, pensões, etc., dessa forma desafogando o movimento na Agência Centro, que ficará apenas com os negócios normais e as contas-correntes.

★ ★ ★ ★ ★

LOCADORAS DE VÍDEO — Se o mercado para os aparelhos de videocassete está quase parado em Natal — como em todo o Brasil — por causa dos altos preços, o de aluguel de fitas está disparado. Pelo menos duas locadoras — a Locavídeo e a Videoteca Vitória Régia — estão funcionando a pleno vapor. Nos fins de semana, as duas ficam com o acervo das melhores fitas totalmente ocupado. A pobreza dos cinemas de Natal faz crescer esse mercado.

★ ★ ★ ★ ★

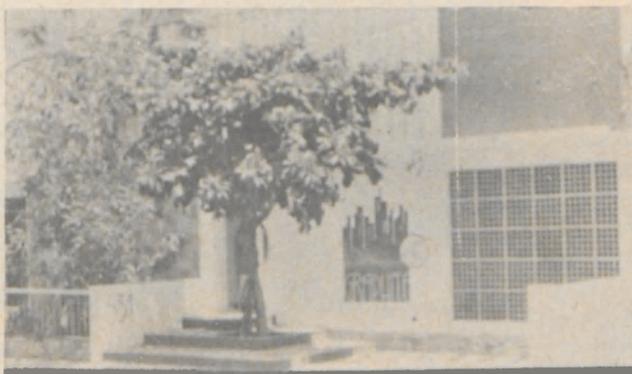
NEGOCIAÇÕES COM TRIBUNA/CABUGI — Até o momento em que foi fechada esta edição, faltavam apenas pequenos detalhes para que se consumasse a negociação entre o empresário Geraldo Melo e a família Alves em torno do possível controle acionário — ou pelo menos participação meio a meio — da Tribuna do Norte e, possivelmente, também Rádio Cabugi. As conversações preliminares desenvolvem-se há mais de um ano. Porém, nos últimos dias elas tomaram caráter de urgência por-



Melo: negociações com a TN



Lucena: metas cumpridas na VASP



A nova galeria de arte

que a família Alves sente dificuldades de continuar arcando com a manutenção do jornal sozinho. Sendo fechado o negócio, Geraldo colocará várias pessoas da sua confiança em post-chaves da empresa. Mas é quase certo que permanecerá como diretor-financeiro José Gobat, que sempre mostrou grande tirocínio na condução do seu setor e é responsável direto pela

administração das dívidas e da relativa estabilidade de pagamento do pessoal.

★ ★ ★ ★ ★

QUEIROZ OLIVEIRA NA BAHIA — O Grupo Queiroz Oliveira acaba de dar um grande salto em seus negócios. Miguel Oliveira anuncia para março a inauguração em Salvador de uma filial para venda de mate-

rial de construção, ferro e ferramenta industrial. A loja, numa área de 6.500 metros quadrados, fica no Distrito Industrial de Porto Seco Pirajá, onde estão localizadas sedes de importantes empresas.

★ ★ ★ ★ ★

ATUAÇÃO DA VASP EM NATAL — A filial da Vasp, em Natal, cumpriu todas as metas que foram traçadas pela administração central, em São Paulo, para a atual etapa. Nestes meses de alta ocupação, os aviões têm voado com 100% da capacidade dos passageiros. A Vasp também entra com seu vôo econômico, a partir da meia-noite, chegando às 6h25 em São Paulo e às 5 horas no Rio. Informa o gerente local, Eustáquio Lucena, que foram feitas amplas reformas nas instalações, em função de maior operacionalidade da agência e a Vasp tem dado muito apoio às iniciativas de cunho cultural.

★ ★ ★ ★ ★

UMA NOVA GALERIA EM NATAL — Natal passa a contar com uma nova Galeria de Arte. Trata-se da Graphite, de Sérgio e Elizabeth Câmara, na Prudente de Moraes, 631. Seu objetivo é divulgar a arte da terra, através de exposições, além do acervo permanente de litografia. Já tem três exposições certas até junho: duas de artistas da terra — Marcelus Bob e Marcelo Fernandes — e uma da paulista Cecília Zuziki.

O Parati Plus tem jeito de carro feito sob encomenda. Com pára-choques, grade dianteira e espelho na mesma cor da carroceria: verde cristalino metálico.

E todos os opcionais que você gostaria de mandar instalar. Como os vidros verdes, os faróis de milha e as rodas de liga leve com pneus largos.

Nenhuma outra perua vem equipada com tanto conforto e segurança. No vidro traseiro (antiembaçante), você encontra lavador e limpador.

Os espelhos externos têm controles internos. A partida a frio é instantânea. E o seu interior é simplesmente um luxo, com carpete navalhado, temporizador e lavador elétrico de pára-brisa, relógio de horas e hodômetro parcial, volante espumado, buzina dupla e marcador gradual de temperatura.

De repente ficou mais bonito sair por aí.



Previdendo os bons momentos que você vai ter com o seu Parati Plus, a Volkswagen está colocando um presente muito especial no porta-malas: o kit de férias Plus. São 2 cadeiras de praia, 2 guarda-sóis, bola de vôlei e geladeira térmica. E agora vem o melhor: apesar de ser um carro Parati Plus exclusivo, de produção limitada, o Parati Plus custa o mesmo que um Parati normal. Mas isso você não precisa contar para ninguém.

MARPAS S/A

MARPASS/A
Av. Tavares de Lira, 159
Filial Alecrim — Av. Pres. Sarmento, 592
Telefones: 222-0140/223-1931



Revendedores autorizados
VOLKSWAGEN
para o Rio Grande do Norte

DISTRIBUIDORA SERIDÓ

Rua Nascimento de Castro, 1597
Filial Alecrim — Rua Cel. Estevam, 1576
Telefones: 223-4566/223-3228

O velho caldeirão

MANOEL BARBOSA

A peculiar situação do Brasil atual e seu processo de eleição indireta para a Presidência da República tornaram o Rio Grande do Norte de repente muito importante no processo da sucessão presidencial. São os 24 votos do Estado no Colégio Eleitoral sendo disputados pelos presidenciais que aqui têm vindo com muita gana. No mês passado vieram o ex-Ministro Ney Braga, como enviado do vice-Presidente Aureliano Chaves, o Senador Marco Antônio Maciel e o Deputado Federal Paulo Maluf. Dos três, precedendo o Ministro Mário Andreazza, o que mais sucesso obteve foi o Deputado paulista. Isso não quer dizer que os andreazzistas tenham perdido seu ímpeto. Pelo contrário. O furor malufista despertou os brios da equipe do Ministro do Interior, que tem aqui adeptos entusiasmados e conta com o apoio declarado do Governador José Agripino.

Tudo isso tem agitado os meios políticos e criado situações delicadas. Uma delas diz respeito ao fracionamento do PDS. Com a divisão dos partidários dos presidenciais, cria-se a sensação de que o partido do Governo desonera-se. Mas os próprios envolvidos nas questões — ninguém sabe ao certo se apenas da boca para fora — alardeiam que tudo isso faz parte do jogo democrático. Por outras palavras, querem dizer que divergir não é separar.

Será mesmo?

Do lado das Oposições, com suas divergências entre os diversos segmentos de esquerda, também se fala muito que nada disso significa ruptura. Embora a Oposição não admita que haja democracia no País — como não há — arrisca-se a dizer, como o PDS, que tais divergências fazem parte do processo democrático.

O problema é que o Brasil é um País peculiar. Pela sua própria formação e origem. Essa peculiaridade acentuou-se com as deformações originárias de um regime fechado. Um regime que, estimulando a prática de se alcançar o Poder através de conciliábulos, agravou o significado da palavra divergências. Então, hoje, quando se diverge, em política, no Brasil, talvez não seja apropriado emprestar ao termo o mesmo significado convencional. Divergência tem quase a cono-

tação de ruptura. Porque, quase sempre, por trás da divergência está o próprio jogo do Poder.

Os presidenciais que têm vindo ao Rio Grande do Norte semeiam a divergência, mesmo não querendo, porque impõem as regras do jogo do Poder. E as coisas têm extrapolado de diversas formas. A ruptura potencial não fica só no âmbito do PDS. As Oposições, ao mesmo tempo em que fazem a campanha pelas diretas, também divergem. Há os que, taxados de moderados, também são confundidos com conciliadores, porque argumentam pela necessidade de, em último caso, se jogar também o jogo das indiretas, desde que, assim, seja possível chegar ao Poder máximo no País — a Presidência da República. Há outras facções das Oposições que não se fixam apenas na campanha pelas diretas. Querem mais, querem a legalização do Partido Comunista para agora, as vezes até confundindo as duas campanhas. E há também o personalismo. Porque, na atual conjuntura, ninguém perde de vista o cultivo — não o culto — a personalidade, com vistas à popularidade indispensável para as eleições que vêm em 86 e serão, como foram em 82, diretas para todos os níveis inferiores do Poder.

Todos esses elementos têm peso suficiente para dar algum significado aos que pressagiam rupturas tanto no PDS como no PMDB e seus aliados menores. É quase certo que não apenas haverá rupturas, como essas rupturas vão ocorrer em cadeia.

Parece bastante ingênuo supor que o quadro político potiguar permanecerá estático sob tantos e violentos impactos. Os interesses em jogo são muito grandes. E, ademais, vive-se um processo de transição. E transição não só de regime. Mas também de lideranças, de existências políticas, de quadros.

Tudo isso ocorre justamente no momento em que os presidenciais garimpam votos no Rio Grande do Norte. O desanimador é que, aconteça o que acontecer, não é de se esperar muita coisa de realmente bom. Pode, aqui ou ali, ocorrer alguma melhora ocasional. Mas só passageira. Para o Estado, no seu todo, só uma mudança estrutural, no processo de administração do País, com a descentralização do Poder, poderá mudar as coisas de vez e não por algum tempo.



Em Barra de Maxaranguape, todos são animados

ESPECIAL — I

Carnaval na Barra, atração que começa a ganhar fama

Quem pensa que o potiguar não sabe curtir Carnaval em sua terra pode começar a mudar de opinião, porque a folia momesca em Barra de Maxaranguape, vem, nos últimos anos, se firmando como o melhor Carnaval em todo o Estado e um dos melhores da região, atraindo, assim, a atenção dos natalenses carnavalescos, que, decepcionados com o marasmo reinante durante a festa de Momo na Cidade do Sol, ano após ano, fogem do Carnaval de Natal como o diabo foge da cruz. Antes fugiam para Salvador ou Olinda. Mas a tendência atual é de que procurem a Barra de Maxaranguape, por ser mais perto e a viagem mais econômica e onde podem encontrar um Carnaval tão bom quanto o de Olinda e Salvador. Com inúmeras vantagens. Entre outras a de que, lá, os foliões dispõem de maior liberdade e (ainda) não há tanta violência, quanto naquelas cidades.

Barra só conseguiu entrar na moda

agora, apesar de o Carnaval naquela praia vir sendo realizado com êxito há uns dois ou três anos. A moda se consolidou a partir do sucesso no ano passado. Sucesso que pode ser traduzido pelo número de barracas montadas, aproximadamente 400, formando um grande **camping** à beira-mar; além da super-lotação de todas as residências de veraneio, do grande consumo de latas de cerveja nos bares da cidade. Isso sem contar o sucesso da Banda Um, a euforia dos seus carnavalescos, o sol e o mar seduzindo a todos para um mundo de alegrias. Enfim, um Carnaval popular.

A DESCOBERTA — Desse modo, patenteada a consagração, inevitavelmente a Emproturn descobriu o que ela procurava há tanto tempo: um lugar no Rio Grande do Norte, onde houvesse Carnaval popular de verdade. Logo, a empresa de turismo imediatamente começou a namorar o

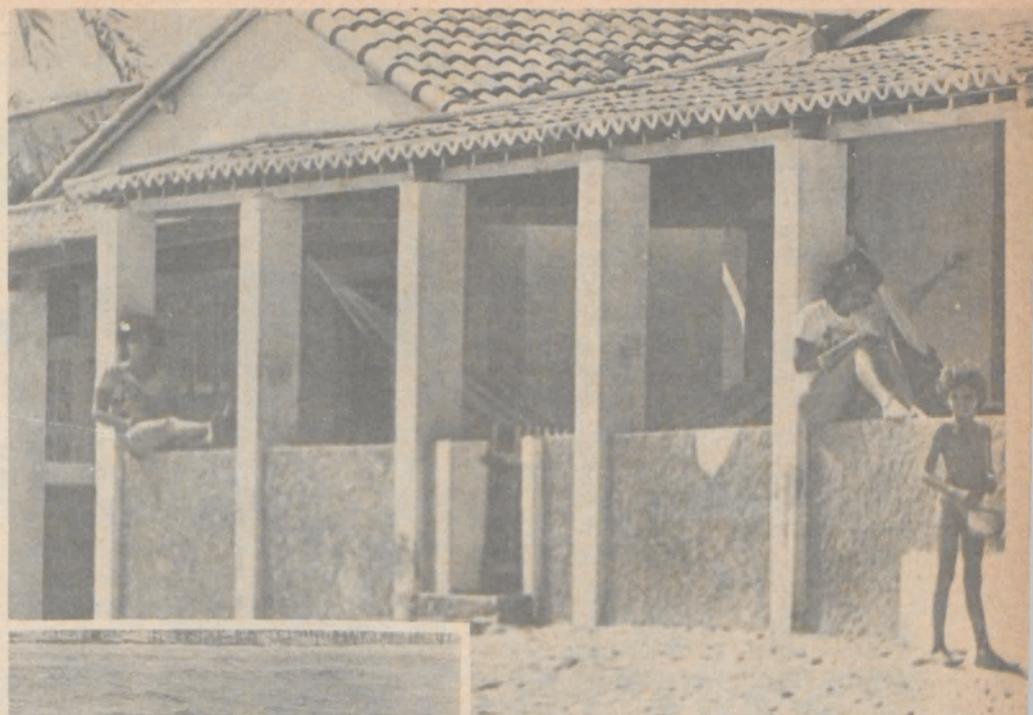
Carnaval de Barra, pois ela viu no evento uma excelente oportunidade para fazer com que os potiguares, em especial os natalenses, e por conseguinte o seu dinheiro, permaneçam no Estado. E, é claro, viu também nele uma tração para os turistas que nos visitam nesta época de alta estação. E já começa a investir, prometendo criar uma boa infra-estrutura.

Dácio Galvão, estudante de Letras da UFRN e poeta natalense, é um autêntico carnavalesco de Barra de Maxaranguape. No ano passado, ele foi um dos mais animados foliões da pioneira «Banda Um», que marcou a festa popular daquela praia. Hoje, já em outro bloco, a «Bandauê», Dácio se prepara, entusiasmadíssimo, para retornar para Barra. Vai uma semana antes da data oficial, pois é quando a coisa começa a rolar. "Na boa tradição de Olinda e Salvador", diz ele sorrindo.

Questionado sobre aquele evento,

Dácio explicou para **RN/ECONÔMICO**, que, antes de tudo, gostaria de frisar que o Carnaval ali “estourou independente de qualquer promoção oficial, ou qualquer esquema pre-estabelecido”. Ele destaca isso, para diferenciar do Carnaval que atualmente se promove em Natal, organizado e distante do povo. “O de Barra, como verdadeiro Carnaval, é fenômeno coletivo espontâneo, reunindo pessoas das mais diversas classes sociais. Embora possam ser resumidos entre os seus participantes, os carnavalescos das bandas, veranistas, pescadores e as mais diferenciadas pessoas, em sua maioria jovens que se agrupam nas centenas de barracas montadas à beira-mar”. Daí a semelhança com Olinda ou Salvador, cidades onde Carnaval é feito entre pessoas das mais diversas classes sociais. Ao contrário do que acontece em Natal, onde os blocos de elite — pelo próprio nome se conclui — insistem em fazer um Carnaval elitizado. Embora Dácio ache que “os blocos de elite são uma tradição de Natal e, como tradição, deve ser respeitado o seu modo de fazer Carnaval”. Outra semelhança — não imitação, pois obedece a características locais — é a do frevo. Especialmente do frevo eletrizado, comum às duas grandes cidades do carnaval nordestino.

NOME CERTO — Apesar de serem chamadas de bandas — «Banda Um», «Barrauê» e «Pessoal do Aló» — estas, ainda segundo Galvão, estão mais para afoxés do que para os tradicionais blocos de elite ou bandas de música. “Afoxés”, explica Galvão, que também é estudioso da cul-



As casas tranquilas, se transformam no carnaval



A beleza da praia...

tura afro-brasileira — “afoxés, porque são um aglomerado de pessoas de classes variadas que saem pelas ruas e bares de Barra cantando frevos baianos, isto é, aqueles frevos eletrizados”. Além disso, lembra ele, os próprios nomes das bandas-afoxés “têm peculiaridade com o repertório sincrético-yorubá: Barrauê é um neologismo criado por nós, ou seja, Barra com relação à praia; e auê, termo de saudação nos terreiros de candomblés significa festa e alegria. Banda Um é um neologismo de Gilberto Gil e tem a ver com umbanda e música; e Pessoal do Aló é um poema de temática afro-brasileira do poeta baiano Antônio Cícero”. Mas, enquanto não



... e o descanso enquanto a folia não chega em março

possuem o instrumental necessário para funcionar como autênticos afoxés, as pessoas que formam essas bandas se reúnem em torno dos bares e brincam ao som dos frevos na vitrola. "Para Dácio, é preferível assim, do que os arremedos de trios elétricos que existem em Natal". Cita ainda como a outra característica do Carnaval de lá a abertura para desfile gay e da Rainha do Carnaval.

Ainda segundo Dácio, apesar de essas bandas se destacarem — afinal por ora só existem elas — "O Carnaval de Barra não tem dono, nem criador". O que houve, continua ele, foi uma democratização da festa — sem grupos oficiais e extra-oficiais que monopolizem, o que é fundamental — o resto é fruto da espontaneidade. Vê ainda como sucesso daquele Carnaval de praia, "a decadência do carnaval urbano". Aliás, lembra ele, outras praias do nosso litoral também têm tudo para fazer um Carnaval tão bom quanto o de Barra. E entre essas praias, ele cita Jacumã e Touros, onde já vem sendo feitas boas folias.

TURISMO — Enquanto o Carnaval de Barra vai tomando forma, de ano para ano, assumindo e deglutindo suas influências mais marcantes, o Carnaval natalense continua sendo um problema. Este ano, a Secretaria Especial da Prefeitura assumiu a organização dessa festa na capital e a Emproturn, através de sua diretoria de promoções, atraída pelo sucesso de Barra, vai organizar, ou melhor, implantar uma infra-estrutura para um bom funcionamento do evento na praia. Ou seja, construirá banheiros públicos, armará cordões de lâmpadas para iluminação, aumentará o número de ônibus e garantirá espaço para todas as barracas, fazendo um planejamento da área de **camping**. Planos, por sinal, segundo o diretor de promoções da Emproturn, João Bosco Rocha, "já se tem alguns". Divulgação do evento pela TV Globo, convidar todos os blocos de elite, Rei Momo e Rainha do Carnaval de Natal para o Carnaval de Barra.

"Isso será feito", garante ele, "sem que se perca as características do Carnaval de lá". Bastante entusiasmado, Bosco prevê que o número de barracas, que no ano passado foi calculado em 400, este ano se multiplique para mil. "Estou sabendo que até turistas da Europa, entre os quais portugueses e franceses já estão se deslocando para lá". □



As bandas, o desbunde em Natal

ESPECIAL — II

As bandas mostram que é possível carnaval local

Com mais alegria e descontração e com a promessa de não se deixar explorar em termos políticos, a Banda-gália e as bandas de ruas substituirão os importados trios elétricos no carnaval de Natal, este ano, também com alvissareiras promessas de reativar o falecido, há longos anos, carnaval de rua. As escolas de samba, por sua vez, estão ameaçadas de desaparecer diante das dificuldades financeiras impostas pela recessão e pela (des) organização do carnaval oficial que, com a má escolha do local de desfile — Avenida Presidente Bandeira, no Alecrim — restringe o espa-

ço e dificulta as evoluções das agremiações.

Um dos propósitos da Prefeitura de Natal (através da Secretaria Especial) é promover um carnaval-espetáculo e, para tanto, está sendo estudada a possibilidade de se colocar arquibancada de 100 metros para um público pagante, na Presidente Bandeira. Sobre a arquibancada, as escolas de samba nada dizem contra, mas ressaltam a inconveniência do local, já ocupado pelos camelôs e que restringirá bastante a movimentação dos passistas, prejudicando, consequentemente, o desempenho das escolas.

Para Lucarino, presidente da Escola de Samba Balanço do Morro, tetracampeão da Chave A, embora a idéia de arquibancada seja louvada — “traz mais tranquilidade às famílias e seria faturamento para os cofres públicos” — ele não acredita em sua montagem, “primeiro porque o carnaval vai ser no Alecrim e a avenida que daria para se fazer um carnaval com desfile tranquilo seria na Avenida Presidente Quaresma, porque é larga, ou então na Prudente de Moraes. Arquibancada ali com os camelôs fica um pouco esquisito”, comentou. Mas a decisão final é do órgão promotor do evento, continuou, “e as escolas de samba não podem dizer nada e têm que acatar toda e qualquer decisão. Nós somos dependentes, subordinados”.

diminuir o número de seus figurantes de 650 para 300 que se apresentarão durante o carnaval.

“Este ano estou triste porque o instrumental está todo furado e o orçamento feito necessita de 600 mil cruzeiros só para recuperar e eu estou sentindo dificuldade para botar a escola na rua”, desabafa Lucarino. Para conseguir sair, pelo menos, com os 300 figurantes previstos, Lucarino afirma que promove festas, festival de shopp e livro de ouro, assinado por pessoas amigas e simpatizantes da Escola. Ele ressalta, porém, que a falta de dinheiro não vai influir na animação do carnaval, porque toda escola de samba de Natal está em dificuldades.

Além das bandas, a nova coqueluche, que ele acha da maior importân-

deste ano para as escolas da Chave B é de Cr\$ 280 mil, “não é suficiente, mas ajuda bastante”. Elogiando as mudanças que ocorrerão neste carnaval — “melhorou em mil por mil” — Rubens diz que se não houvesse “uma crise tão grande no País, teríamos o melhor carnaval de todos os tempos em Natal”.

Rubens Pessoa também não está satisfeito com o local de desfile — em atendimento a uma reivindicação de moradores e comerciantes do Alecrim —, mas ressalta que na Praia, seria inviável devido à acústica. Lucarino completa que na Praia o vento e a maresia prejudicariam as evoluções e as fantasias.

“O Alecrim não é bom para as escolas de samba, mas é bom para o carnaval em si, porque é um local pa-



As agremiações: sempre em dificuldades

DIFICULDADES — O grande problema enfrentado pelo carnaval é, na verdade, a crise financeira que assola o País, principalmente um Estado pobre como o Rio Grande do Norte, onde a ajuda oficial, na maioria das vezes, se restringe a ornamentação de alguns trechos da cidade e uma pequena verba a título de ajuda para as escolas de samba e blocos de elite. Este ano a promessa de ajuda financeira extrapolou as expectativas, apesar das dificuldades. Uma escola da Chave A, por exemplo, que no ano passado recebeu a quantia de Cr\$ 180 mil, este ano receberá Cr\$ 400 mil, o que na verdade representa bem pouco do que se gasta para sair às ruas. A Balanço do Morro, em 83, gastou cerca de Cr\$ 1 milhão e 185 mil e este ano, devido às dificuldades, deverá

cia para fazer renascer o carnaval de rua, Lucarino louva também a extinção dos trios elétricos, geralmente importados da Bahia a peso de ouro e que, de uma certa forma, desviava ou diminuía as verbas que seriam destinadas às agremiações locais. Outra crítica feita aos trios diz respeito à organização dos desfiles que, segundo Lucarino, sempre era atrapalhado pela presença dos trios — “sempre quando queríamos nos preparar para entrar na Avenida, o trio passava e desmantelava tudo”, observou.

O maior benefício da desistência de trios no carnaval é, segundo Rubens Pessoa, presidente da Escola da Chave B, Imperadores do Samba (a mais antiga de Natal), o aumento da ajuda financeira, porque “os trios levavam a metade do orçamento”. A ajuda

ra onde convergem mais pessoas, a movimentação é constante”, completa Rubens Pessoa, que dá algumas alfinetadas na Emproturn, quando diz que na época em que esse órgão promovia o carnaval, “não tínhamos liberdade de ação e não havia diálogo entre a entidade promotora e as escolas de samba”.

BANDAGÁLIA — Depois do sucesso do reveillon, conseguindo mobilizar grande parte da população de Natal na entrada do Ano Novo, a Bandagália (ou os mentores da Bandagália) decidiu ficar em Natal e fazer renascer o carnaval de rua há muito esquecido na Capital que chamam «Espacial do Brasil», ao invés de se deslocarem até Olinda ou Salvador, onde o período momesco é mais animado.

Segundo Olinto Rocha, integrante e batalhador da Bandagália, "o carnaval de Natal foi destruído e antes a banda não saía, porque o grupo não queria arriscar e perder o carnaval ficando aqui". Alex Nascimento, também da Banda, faz uma ressalva: "A Banda não tinha que sair no carnaval. Era uma coisa alegre, mas não obrigatoriamente para o carnaval".

O reveillon promovido pela Banda teve um gasto total de Cr\$ 2 milhões, conseguidos através de promoção de festas e venda de camisetas, e o alto custo por si só já seria um dos motivos da saída esporádica da Banda. Porém, contatos foram feitos com a Prefeitura, que se comprometeu em dar incentivos e a pagar os músicos. Uma das preocupações do pessoal da Banda é que a Secretaria Especial, responsável pela promoção do carnaval, não vincule a Banda como propriedade da Prefeitura nem tente, através dela, adquirir dividendos políticos.

"A função da Bandagália agora é tentar revitalizar o carnaval de rua de Natal, incentivando a participação de outras bandas", afirma unânime o grupo entrevistado (Alex Nascimento, Olinto Rocha, Sérgio Dieb e Eugênio Cunha). O primeiro passo foi dado, afirmam, e agora é preciso o apoio oficial "porque ninguém tem tempo nem saco para ficar pensando o ano inteiro no carnaval".

Se a Banda, formada desde 82, insistia em brincar o carnaval em Olinda e saía em Natal apenas em datas esporádicas (reveillon, Sábado de Aleluia), agora decidiu animar o carnaval de Natal. "Nós achamos que



Um desfile pobre

era hora de sair, até porque a Banda era uma brincadeira que podia sair em qualquer época do ano, até num 7 de Setembro", afirmou Alex.

Decisão tomada, a Banda entrou em contato com a Prefeitura e algumas sugestões foram feitas: orquestras fixas em alguns pontos estratégicos da cidade (principalmente na praia), decoração simples e popular, permanência do roteiro já tradicional da Banda (só que desta feita começando na Tavares de Lira, Ribeira) e às outras bandas que se organizarem caberá a definição de seu roteiro. O que se quer, diz Sérgio Dieb, é incentivar a saída de blocos de qualquer jeito, as chamadas bagunças que antigamente existia em Natal, a fantasia, a descontração o máximo que puder. Outra sugestão, continua Olinto, é que "os blocos de elite desçam das

alegorias e criem um caráter mais popular, participem mais".

Eugênio Cunha destaca a importância da divulgação, "de se popularizar a divulgação". Além de incentivar a divulgação, eles querem incentivar a participação de outras bandas (Bandalheira, Bandeira e outras que quiserem se formar) e blocos de sujo. A turma da Gália, por exemplo, sai este ano com os mesmos blocos que saíram em Olinda: «Deixe de chin-fra», «Que merda é essa» e agora (idéia do vereador Sérgio Dieb) «Deixe de indiretas».

A Bandagália vai abrir e fechar o carnaval de rua de Natal (sai na sexta-feira e na terça) e durante o dia pretende sair com os blocos. No sábado deve sair a Bandalheira (criado a partir da Bandagália), domingo os Filhos da Pauta (formado por jornalistas

Bandagália começou com uma brincadeira de verão

Tudo começou com uma brincadeira. No verão de 1979 um grupo de amigos se reuniu na Praia de Genipabu e entre bebidas, conversas e brincadeiras, eles se auto-denominaram de «gaulenses», pelo comportamento semelhante ao de Asterix, o gaulês, um personagem de revista em quadrinhos. Essa mesma turma se reuniu para passar o carnaval em Olinda e, na volta, eles decidiram fazer reuniões-festas semanais. E entre Genipa-

bu, birita, Redinha e carnaval em Olinda ("lá tinha carnaval de rua e o daqui estava morrendo"), em 81 discutiu-se a formação de um bloco, a Gália, para sair no Sábado de Aleluia.

"Mas a banda mesmo surgiu a partir do blecaute de abril de 1981", comentam em coro Olinto Rocha, Alex, Eugênio e Dieb, lembrando que a turma ficou durante 5 dias reunida no Kazarão, o único bar que tinha energia, bebi-

da e gelo. Nesse mesmo ano a Bandagália saiu no reveillon e em 82, na sexta-feira de carnaval.

Sérgio Dieb diz que criaram-se muitos mitos e folclore em torno da Gália e Olinto frisa que "Gália não é nenhum clube ou instituição". "É apenas um grupo de amigos como outro qualquer", completa Alex Nascimento. O grupo desmistifica o rótulo de oposição política — "as posições políticas são várias e até antagônicas", diz Alex.

A Gália ou Bandagália é uma coisa só. Uma turma de pessoas, com profissão definida e que faz do bom humor e algumas briguinhas saudáveis o lema de união.

tas) e segunda a Banda dos Artistas (pessoal da Coart). Antes eles tentaram revitalizar o Carnaval da Saudade, na Tavares de Lira, que também é uma tentativa de fixar o natalense em sua cidade no período de Momo, já que deve ser realizado no sábado antes do carnaval.

PARA TODOS — Fazer um carnaval para todas as classes. Essa é a proposta da Prefeitura Municipal, segundo afirmou Giovani Rodrigues, Secretário para Assuntos Especiais e responsável pela organização do carnaval, este ano. Ele informou que, para conseguir tal intento, deverão ser gastos aproximadamente 50 milhões de cruzeiros.

Prometendo dar apoio total ao carnaval de rua, incentivando a chamada bagunça, troça, Giovani Rodrigues citou como algumas modificações que ocorrerão no carnaval a fixação de arquibancada, um carnaval para as crianças carentes na Cidade da Criança e o Carnaval Municipal — “um baile como acontece em todas as capitais, um carnaval para a elite”, explicou.

A decoração, garantiu o Secretário Especial, será feita desde a entrada de Natal (Viaduto) até o «corredor da alegria», na Avenida Presidente Bandeira, onde vai se realizar o desfile das escolas de samba. □



As belezas naturais atraem visitantes

TURISMO

RN pode aproveitar bem o “Nordeste Maravilha”

«Nordeste Maravilha» é uma expressão que, por motivos óbvios, para muitos será considerada meio ou totalmente alienada. Mas, é também o título oficial da campanha que a Embratur — Empresa Brasileira de

Turismo — e as empresas estatais de turismo da região vão lançar, em São Paulo, na primeira quinzena de março. No melhor estilo regionalista: com jangadeiros e jangadas, representando cada Estado da região, que serão



**SANTO DE
CASA FAZ
MILAGRE?
FAZ.**

**Nós fizemos.
Completamos 14 anos de
trabalho sério e consciente
em favor do Rio Grande do
Norte. E vamos continuar
prestando, com o mesmo
nível editorial e gráfico.
Por isso afirmamos que
santo de casa faz milagre.**

RN/ECONÔMICO

REVISTA MENSAL
IMPRESSOS EM
OFF-SET E
TIPOGRAFIA

Rua São Tomé, 421 - Telefone (084) 222-4722 - Centro - CEP 59.000 - Natal-RN

transportados, respectivamente, através de avião e caminhões. Lá, participarão de um desfile náutico entre as praias de Santos e Guarujá. Ao final da festa, as jangadas serão sorteadas ao público.

A promoção visa, naturalmente, atrair turistas para as praias nordestinas e faz parte da política da Embratur de incentivar o turismo interno. Com prioridade para o Nordeste, especificamente sua faixa litorânea. «De sol o ano inteiro», segundo slogans dos guias turísticos das cidades nordestinas. Slogan, por sinal, já bastante usado pela Emproturn em suas campanhas publicitárias. Usado, talvez, pioneiramente. Mas depois também encampado por empresas de turismo de outros Estados do Nordeste. De qualquer forma, acima das concorrências, essas empresas têm plano em comum. Um exemplo disso, foi a reunião da CTI — Companhia de Turismo Integrado do Nordeste, realizado em Natal, de 11 a 14 de janeiro último.

Assim, procurando incentivar o intercâmbio com empresários do Sul, especialmente os paulistas, que têm interesse em investir no turismo da região, após a reunião, que serviu ainda para avaliar as promoções feitas no ano passado, ficou definida a realização de um encontro comercial, no Hotel Hilton da capital paulista, também na primeira quinzena de março, envolvendo agentes de viagem, hoteleiros, representantes de empresas de transportes aéreos e operadores de turismo de São Paulo e do Nordeste. A diretoria da Emproturn foi escolhida, ainda na reunião, para representar as empresas de turismo dos Estados da região. «Servirá para discussão dos pacotes turísticos», disse o Presidente da Emproturn, Augusto Carlos Garcia de Viveiros. Adiantou ainda que serão feitos outros encontros promocionais no Rio de Janeiro, Brasília e Belo Horizonte também com objetivos semelhantes. Por ora, além do de São Paulo, só está marcado o de Brasília que será em agosto, época da reunião da ABAV — Associação Brasileira de Agerfetes de Viagem.

TURISMO POTIGUAR — Pelo menos, se se levar em consideração os projetos e investimentos que a Emproturn começa a colocar em ação, 1984, que para os pessimistas é um ano em que poderão se concretizar péssimas profecias, parece que, para a Emproturn, será um ano, que pode-

riamos chamar «pleno de realizações». Algumas delas, a empresa começa a colocar em prática. A mais monumental, sem dúvidas, é a implantação do chamado Distrito Industrial-Turístico de Natal na Via Costeira. «Esse o nosso principal objetivo», repete orgulhoso Augusto Carlos. E, para isso, serão feitas assinaturas de contratos para construção de mais seis hotéis na Costeira, entre março e abril próximo. Participarão do contrato, o BDRN e o Fungetur que investirão em torno de um bilhão de cruzeiros. «Fora participação de cada empresa, que entrarão com 20 a 50 por cento desse total», como ressalta Garcia de Viveiros. Esses seis hotéis — um de duas estrelas; três de três estrelas, e dois de quatro estrelas — totalizarão 230 novos apartamentos, que estarão prontos até o

Artes e Artesanato e uma Central de Reservas.

EVENTOS — Enquanto a Emproturn impulsiona seus projetos de desenvolvimento do nosso turismo, em termos de futuro — um futuro a curto prazo, mas de qualquer forma futuro — ela, como não poderia deixar de ser, também está atenta para promoção do turismo aqui-agora. Nesse sentido, acaba de lançar o seu mais novo guia turístico da cidade: um luxuoso folheto com fotos de praias; de garotas bronzeadas tomando banho de mar, ou deitadas ora em jangadas, ora em dunas da Praia de Genipabu; incluindo ainda, fotos das mais tradicionais atrações turísticas: Forte dos Reis Magos, Farol de Mãe Luíza, Igreja de Santo Antônio, lojas de artesanato. Um folheto que vem acom-



No litoral norte, o belo panorama

próximo ano. Que viriam a se somar aos 156 apartamentos dos dois hotéis que já estão em construção na Via Costeira — e aos 767 apartamentos da atual rede hoteleira natalense, incluindo hotéis de uma a quatro estrelas.

Se isso, sem dúvidas, representa a consolidação de uma indústria turística — a chamada «indústria sem chaminés» — que poderá competir em pé de igualdade com as principais capitais do turismo da região — Fortaleza, Recife e Maceió, ela precisa ter uma boa representação no maior centro emissor do País — São Paulo. Nesse sentido, a Emproturn já marcou o mês, abril próximo, para a inauguração da «Casa do Rio Grande do Norte», que será uma espécie de representação comercial-cultural do Estado e funcionará com um restaurante «Carne Seca do Lira», Sala de

panhado com cartões postais. Uma produção luxuosa feita no Rio de Janeiro, com a qual a Empresa gastou alguns generosos milhões de cruzeiros. Mas, a despeito de ter sido produzida no Rio de Janeiro, e ter custado caro, alguns indesculpáveis pequenos defeitos foram notados por especialistas da indústria gráfica natalense. Entre os mais graves, o fotolito invertido na foto principal. Daí, que, nessa foto, uns escritos na camisa e boné de um banhista aparecem invertidos.

De qualquer forma, o folheto impressiona e serve para divulgar a beleza de nossas atrações turísticas. Divulga ainda o calendário de eventos 1984, do qual foram suprimidos vários outros entretenimentos incluídos no calendário da Emproturn do ano passado. No atual, foram incluídos os seguintes: Festa de Santos Reis, Fes-

ta do Caju e Festa de N. S. dos Navegantes, realizadas em janeiro; Festa de Santa Cruz da Bica, em maio; Grande Vaquejada do Nordeste, em setembro; Festa de Nossa Senhora da Apresentação, em novembro; Festival de Artes de Natal e Ciclo Natalino, em dezembro. Não foram incluídas, a Festa de Verão — promoção estudantil e do público em geral no Campus Universitário; a Jornada de Cordel e Viola, também no Campus; Festa do Milho, em junho no pátio da Ceasa; Festival de Batida do Rio Grande do Norte, realizado no Bosque dos Namorados, pela primeira vez, no ano passado.

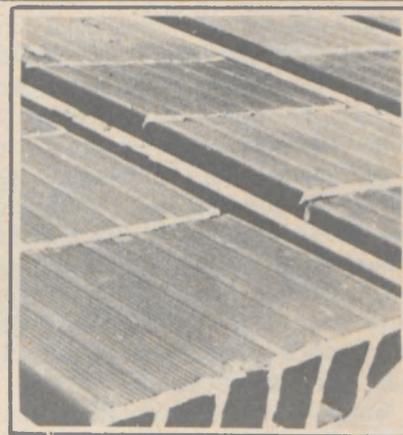
Chamado a comentar sobre esses eventos; o Presidente da Emprotur se limitou a dizer que será dada, também, "ênfase para a Festa do Milho, Festival da Batida, Festa do Caju e Festival de Verão". Na verdade, uma das principais promoções, nesse início de ano, está voltada para o Carnaval de Barra de Maxaranguape, onde a Emprotur começa a voltar seus olhos e, pretende, nesse primeiro ano que vai investir por lá, montar uma infra-estrutura para um bom funcionamento. "Serão gastos em torno de dois a três milhões daquele Carnaval. Para essas promoções, garante ele, "serão suficientes os recursos próprios ou orçamentários". Outro evento que ele destaca, é a chamada animação turística no Centro de Turismo, todas as noites.

ALTA ESTAÇÃO — Quanto a esta alta temporada de turismo, que começou em janeiro e poderá prosseguir até início de março, Augusto Carlos faz um cálculo otimista de que, diariamente, circulem em Natal 1 mil e 200 turistas. E de que até o final da alta estação tenham circulado 80 mil. O que representará cerca de um bilhão de cruzeiros.

Esse cálculo ele faz principalmente a partir da frequência na rede hoteleira, com os principais hotéis totalmente lotados. Mas, para não ficar fazendo projeções empíricas, a Emprotur, contando com apoio da Embratur, iniciou recentemente a primeira etapa de uma pesquisa, denominada «Estudo da Demanda Turística» para saber dos turistas suas impressões sobre a cidade do Natal, os equipamentos turísticos oferecidos e outros dados. Serão coletadas — pelos 16 pesquisadores, que trabalharão de manhã, à tarde e à noite — informações sobre residência, permanência na cidade, sexo, idade, profissão, renda mensal, modo de viajar, onde se hospedam, gastos feitos na cidade, utilização dos programas de incentivo ao turismo e infra-estrutura urbana, além de outras informações.

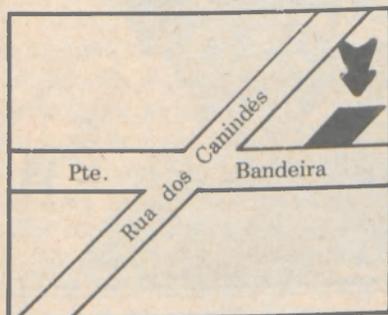
A Embratur pretende estender essa pesquisa a outros Estados para estudar também a demanda turística. □

UMA QUESTÃO DE SEGURANÇA



Usar laje, seja de piso ou forro, hoje, é quase uma obrigação de quem constrói. A laje é uma questão de segurança, estética e beleza. E, se utilizadas nervuras e blocos, formando a conhecida Laje Volterrana, aí, o construtor terá mais economia de tempo e dinheiro, mais simplicidade na instalação, menos peso e uma qualidade sem igual. A Laje Volterrana, pela sua praticidade, tornou-se um produto nacionalmente conhecido. No Rio Grande do Norte é fabricada pela Saci-Material de Construção Ltda. Todo calculista criterioso determina Laje Volterrana para sua obra. Os investidores da construção civil também fazem isto. A Saci, detendo exclusividade no fabrico e comercialização do produto, ensina tudo sobre Lajes Volterrana. E ainda vende pré-moldados de cimento para pronta entrega.

PARA COMPRAR PEÇAS FIAT VOCÊ NÃO PRECISA SAIR DO ALECRIM. SAVEL ABRIU SUA FILIAL



Peças genuínas Fiat, você agora pode adquirir no centro do bairro do Alecrim, num local de fácil acesso. Próximo ao cruzamento da Presidente Bandeira com a Olinto Meira foi inaugurada a primeira filial da Savel.



SAVEL. SALUSTINO VEÍCULOS LTDA. Presidente Bandeira, 737 Alecrim — Tel.: 223-1551 Natal-RN



Pte. Bandeira, 828 Telex.: 223-3626 / 3627 / 3628 Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

O leão continua com sua disposição de morder mais

Iniciado o ano de 1984, após acalmados os ânimos das festas do final de ano de 1983, começa agora, para milhões de brasileiros, a preocupação com o Leão, que a cada época tortura mais e mais o pobre contribuinte. Devido à frequência de fraudes, este ano a Receita Federal está tomando maiores cuidados para evitar a sonegação e pedirá novamente à Serpro para programar seus computadores, capacitando-os a detectar as irregularidades mais frequentes.

No caso específico do Rio Grande do Norte, o Delegado da Receita Federal, Otacílio Dantas Cartaxo, garante que não houve grandes problemas com sonegações, exceção feita ao caso de proprietários de automóveis que estavam conseguindo licença de táxi, sonegando o IPI. Quando há sonegação de imposto de Pessoa



Cartaxo: leão vigilante

Física, a Receita não tem condições de informar sobre seu percentual, porque "qualquer número que se der, não tem base concreta", diz Cartaxo.

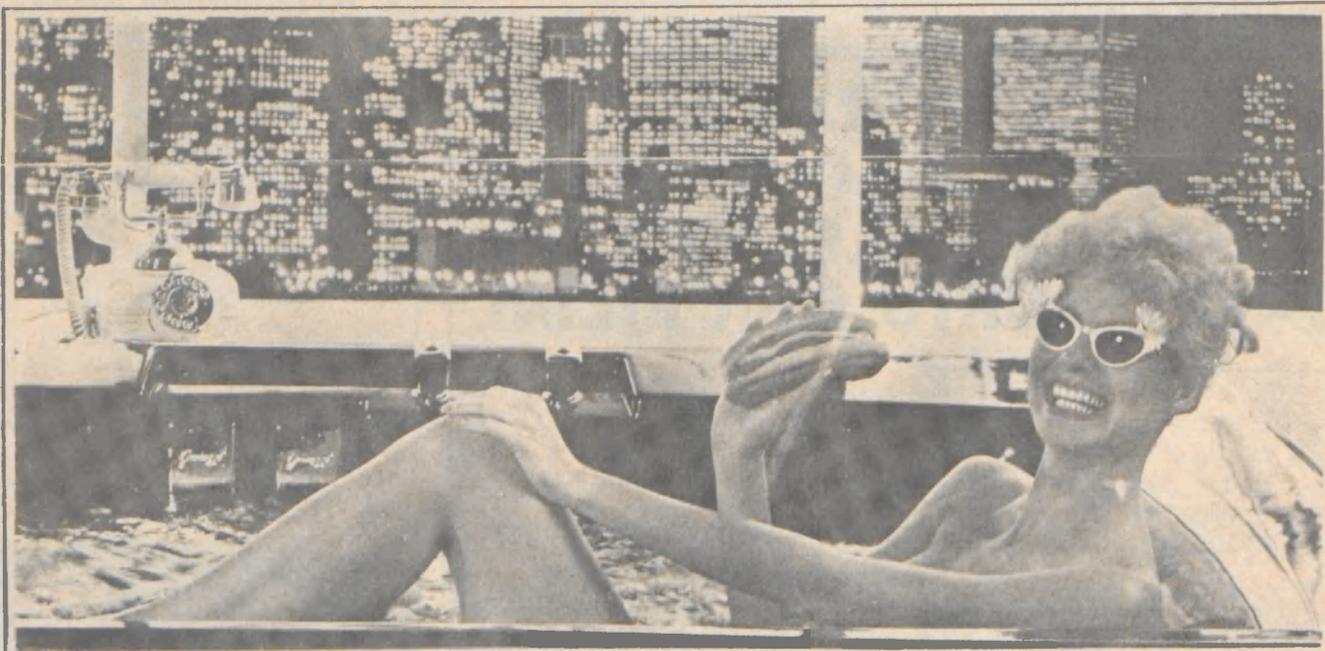
A fiscalização para localizar a sonegação existe e para tanto as informações do computador têm sido bastante eficaz. Otacílio Cartaxo explica que se é feito um estudo para localizar qual o setor que vai mal, como por exemplo, o setor de eletrodoméstico, para ver a rentabilidade e daí se verifica quais as empresas que não estão correspondendo à média de arrecadação, "aí é fácil chegar à empresa que está sonegando". No caso de profissional liberal (médico, dentista...), o delegado informa que a chance de localizar a sonegação é com o cruzamento de informação entre o cliente e o profissional.

SUPERAVIT — Apesar da crise, recessão, desemprego e da seca que assola o Estado há alguns anos, a arrecadação no Estado do Rio Grande do Norte, no ano de 1983, superou a previsão, que era de 20 bilhões de cruzeiros e cuja arrecadação foi de 22 bilhões, com um superávit de 11 por cento. Mas Cartaxo adianta que a

CODIF TEM

Um Departamento Especializado em: piscinas, equipamentos e acessórios, sistemas de iluminação e som subaquático,

produtos químicos p/tratamento d'água, banheiras com sistema de hidroterapia, bombas hidráulicas e sistema de pressão.



Com pessoal tecnicamente capacitado para orientar, dimensionar e construir sua piscina, obedecendo aos mais modernos padrões de qualidade e aos mais atualizados critérios técnicos para seu maior conforto e segurança.



Companhia Distribuidora de Ferragens

Rua Dr. Barata, 190/192 — Ribeira
Fone: 222-3571 — Natai-RN

previsão é feita em cima de todos os fatores que poderão comprometer a arrecadação e que de fato comprometem.

O delegado frisa, no entanto, que, em relação à taxa de inflação, a arrecadação não acompanhou — “o crescimento foi nominal, não foi real. O intermediário entre a taxa de 11% e a taxa de inflação, continua, indica que não houve um crescimento real e aí está o reflexo da crise. Apesar de todos esses problemas, informa, o Rio Grande do Norte foi o segundo colocado, em termos de arrecadação, na 4.ª Região da Receita Federal, superado apenas por Pernambuco. A 4.ª Região é composta pelos Estados do Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco e Alagoas.

GARRAS DO LEÃO — Os bancos começaram a receber declaração do Imposto de Renda desde o último dia 30, porém o prazo para quem tiver restituição ou imposto a pagar vai até 23 de março. Quem tem isenção o prazo expira dia 27 de abril. Até lá, cada contribuinte estará vasculhando suas gavetas, arrumando suas papé-ladas para tentar reduzir ao mínimo possível a fatia que o cidadão brasileiro tem que deixar para o Leão, anualmente.

Os computadores da Receita este ano terão um maior cuidado para não ocorrer irregularidades em casos de «patrimônio incompatível com a renda», «aumento patrimonial excessivo», «rendimentos pagos a médicos, dentistas, psicólogos e aluguel», «rendimentos provenientes da agricultura», «profissional liberal-fazendeiro» (há rendimentos do trabalho autônomo declarados como rendimentos da agricultura, que tem incentivos do Governo), «investimentos incentivados (ações de empresas quase fantasmas)», «valores do IR retidos na fonte» e análise sobre deduções e abatimentos.

A Receita Federal chama a atenção do contribuinte para se evitar o confronto com o Leão e frisa que o desconto padrão nunca deve ultrapassar os 25 por cento da renda bruta e não ser maior que Cr\$ 1 milhão e 516 mil. As despesas com instrução, aluguel, dependentes e juros não poderão ultrapassar o limite fixado pela Receita. Os abatimentos com pensão alimentícia, médicos e dentistas terão fiscalização rigorosa, para evitar quaisquer transtornos, pede-se que o contribuinte guarde os comprovantes

por cinco anos, para a defesa, caso a Receita chame-o para dar explicações.

PAGAMENTO — Para pagar o IR, o contribuinte poderá fazê-lo logo que declare, porque junto com as instruções vem um Recibo de Entrega de Declaração e formulários (DARF), semi-preenchido pelo computador e que será completado pelo contribuinte. As formas de pagamento podem ser à vista, até 30 de março, ou parce-

lado em até 8 meses, com correção monetária, a partir de 30 de abril.

Qualquer atraso no pagamento das parcelas terá multa de 20 por cento, mais 1 por cento ao mês de juros de mora, e ainda da correção monetária aplicada aos meses de atraso. A multa de 20% poderá ser reduzida a 10%, quando o pagamento é feito no mesmo exercício fiscal. A entrega de declaração atrasada também incorre em multa de 1% ao mês sobre o imposto devido. □



Uma estrutura de ensino moderna

EDUCAÇÃO

APEC solidifica estrutura moderna de ensino no RN

A iniciativa particular está procurando ajudar o ensino superior no Estado, cumprindo lacunas que a complexidade do processo educacional deixa abertas. Não é uma tarefa fácil. Os investimentos são altos, com retorno a longo prazo e incerto. Mas, ainda assim, há quem se arrisque. E justamente é porque ainda existem empresários dispostos a investimentos tão ousados que surgiu, em Natal, a Associação Potiguar de Educação e Cultura — APEC, um projeto educacional ousado e inovador, que se utiliza, inclusive, dos modernos recursos da eletrônica.

“Foi muito curioso o modo como saímos para essa iniciativa educacional. Fazia eu, na época, em 1978, o Curso de Especialização em Administração na Universidade Federal e me perguntava porque Natal era uma das poucas cidades do Brasil que ainda não tinha uma Faculdade particular.

Então, me reuni com alguns amigos professores da Universidade, e, com a base econômica que eu tinha, a idéia foi crescendo e partimos para a iniciativa”. E assim que o empresário Paulo de Paula, Presidente da APEC, conta como surgiu a idéia de fundar a entidade.

Segundo Paulo de Paula, APEC é um prosseguimento da Universidade, porque ela nasceu dentro da Universidade. E o seu corpo de professores é o mesmo. Mas como ela comporta menos professores, ainda pode selecionar os melhores.

APEC começou de uma forma um pouco diferente. Começou fazendo educação de cima para baixo, quer dizer, começou a funcionar com os cursos superiores que, na época, 1981, funcionavam no Colégio Salesiano.

Já em 1982, devidamente autorizado desde 1981, pelo Conselho Federal e pela Presidência da República,

APEC começou a funcionar no Colégio 7 de Setembro. Com instalações amplas, de 1982 para 83, foram construídas mais 18 salas de aula. São, atualmente, 4.200 m² de área coberta, circuito interno de TV a cores em todas as salas, 3 laboratórios de computação, com computadores TK-85, 6 Polimax com impressoras e um Cobra 305. Todo esse equipamento está sendo instalado com salas de ginástica, de datilografia para o 1.º até o 3.º grau. Também em 1984 estará funcionando a pré-escola que até então não existia. A creche desde 1983 está instalada.

RESULTADOS — Paulo de Paula afirma que ainda não está visando resultados. Está investindo e acreditando que se possa fazer um bom trabalho em educação. No entanto, desde já, os frutos já começam a ser colhidos. Esses frutos são a resposta da comunidade ao Colégio. Agora, para 1984, já estão matriculados 370 alunos novos e isto, para ele, é uma prova da credibilidade junto a comunidade para o trabalho que vem sendo feito na APEC.

“E APEC tem feito o possível para merecer essa confiança”, afirma Paulo de Paula. “Agora, por exemplo, estamos fazendo um convênio com a Fundação Roberto Marinho. Os alunos assim têm aulas pelo método tradicional e, depois, assistem essas aulas pelo televisor, depois de gravadas nos estúdios da TV Globo em São Paulo. E, depois, ainda fazem exercício pelo computador”. Paulo de Paula adverte que não vai haver experiência com os alunos, eles vão ter aulas pelo método tradicional, apenas acrescidas desses reforços. E ainda com datilografia, e no 2.º grau acrescida de psicologia e filosofia. E também importante lembrar que os cursos do 2.º grau não são profissionalizantes. São cursos que preparam para o Vestibular e também para a vida de uma maneira geral. Paulo acredita que o aluno que termine o 2.º grau tem capacidade de passar no Vestibular tanto da Universidade Federal como no da própria APEC.

O maior sacrifício foi financeiro, segundo o Presidente da APEC, porque houve um investimento muito grande. E houve também um sacrifício de trabalho, já que todos os diretores exercem outras atividades: “Mas o trabalho é muito envolvente, muito gratificante e justifica. Todos os diretores estão satisfeitos”, acrescenta Paulo de Paula.



Paulo: investimento

Mesmo com o que vem acontecendo ultimamente com a educação no Brasil, Paulo de Paula se diz otimista a médio prazo: “Houve um aumento de vagas. Mas houve uma baixa na qualidade do ensino”. Daí o desinte-

resse do jovem com relação ao curso superior. Ele atribui esse desinteresse à situação estrutural e conjuntural que se encontra o Brasil atualmente, que é desfavorável a um jovem que pretende passar cinco anos de sua vida se dedicando a um curso superior. Ele está vendo pessoas formadas e desempregadas em grande número. Então o jovem prefere lutar por um bom emprego a fazer um curso.

Por isso, no entender de Paulo de Paula, tem de haver mais verbas para a educação, tem que se valorizar mais o professor, “que é a mola mestre da educação”. E o professor tem — acrescenta — sido muito desprestigiado em todos os sentidos, “principalmente financeiramente. O Estado tem de lembrar que tem que fazer alguma coisa pela educação”. □

HOMENAGEM

Sylvio Pedroza recebe todo amor de quem governou bem

Quando Sylvio Pedroza exerceu o cargo de Prefeito e depois o de Governador do Estado, entre os anos de 1946 a 1956, o mundo passava por um processo de surpreendentes transformações. À nível internacional, as traumáticas mudanças surgiam dos escombros da derrota do nazi-fascismo, após a Segunda Grande Guerra Mundial, para dar na fria divisão do mundo entre os EUA e União Soviética; e, à nível deste País-Continente, o afloramento da consciência de subdesenvolvimento, acompanhada da transição de uma sociedade oligárquico-agrária para uma sociedade urbano-industrial, sob os signos da modernidade e da téc-

nica em contraponto às estruturas arcaicas.

Foi nesse clima cultural e ideológico de lufadas progressistas e eufóricas, que Sylvio — parente de Alberto Maranhão, um dos expoentes da elite intelectual do Estado — promoveu um generoso mecenato, que, para alegria de artistas, satisfação de intelectuais e prazer do público, durou toda uma década — de 1946 a 1956. Promoção cultural que também seria ampliada aos esportes, cujo ponto alto resultou na construção do ginásio que atualmente tem seu nome.

Hoje, ao retornar a Natal para lançar o livro «Pensamento e Ação», e para participar de uma série de homenagens organizada por desportistas e intelectuais da cidade, as atenções se voltaram para esse ilustre rio-grandense-do-norte tão estimado da inteligência e que representa o Brasil em dezenas de encontros comerciais em capitais e cidades de países da Europa, América, África e Ásia. Por isso, ele é um dos potiguares que mais fez viagens ao exterior. E por falar em viagem, agora vamos viajar pelo tempo e pelo espaço, pelos meandros da inteligência e da política, e saborear um pouco da história da vida pública de Sylvio Pedroza:



Sylvio: homenagens

PUXANDO O FIO DA MEMÓRIA

— Nessa viagem, a data inicial é 13 de fevereiro de 1946. É a partir de então que Sylvio Piza Pedroza torna-se Prefeito da Cidade do Natal, na Interventoria Ubaldo Bezerra. Onze meses depois, em 1947, foi eleito Deputado Estadual com a maior votação do Estado, conquanto tenha recebido sufrágio só de Natal. Como Deputado (PSD) ele apenas assumiu o cargo, e dias depois se afastou para continuar à frente da Prefeitura. Durante a Administração do Governador José Augusto Varela, permaneceu nesse posto até 1950. Foi eleito vice-Governador na chapa Dix-Sept Rosado. Poucos meses depois, após a morte de Dix-Sept Rosado, em acidente de avião em Aracaju, Sylvio assumiu o Governo no qual permaneceu até 1956.

Quem relembra esse período, em entrevista a **RN/ECONÔMICO**, é o Professor Veríssimo de Melo. Ele, juntamente com um grupo de intelectuais e desportistas — Zila Mamede, Alvarado Furtado, Humberto Nesi e outros, organizaram, em homenagem aos 65 anos do político, uma efeméride, que obedeceria o seguinte roteiro: dia três de fevereiro, no Aeroporto Augusto Severo, recepção ao ex-Governador, vindo do Rio de Janeiro em companhia da esposa, Neuma Pedroza, e filhos; no dia seis, às 20h30m, no «Ginásio de Esportes Sylvio Pedroza» homenagem das entidades desportivas do Estado; dia sete, às 20h30m, na Academia Norte-Rio-Grandense de Letras uma homenagem conjunta dos acadêmicos, intelectuais do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte e do Conselho Estadual de Cultura; e, finalmente, quarta-feira, dia oito, às 20h30m, no SESC da Cidade Alta, lançamento do livro «Pensamento e Ação», que reúne documentos, entrevistas e artigos relacionados com a sua notável vida pública. O livro foi editado pela Fundação José Augusto.

SYLVIO, POLÍTICO E MECENAS

— Enquanto Prefeito, a idéia e construção da Avenida Circular, atual Avenida Cate Filho, na orla marítima, foi a sua maior realização. “Pelo menos sob o ponto de vista urbanístico”, pondera Veríssimo, que na época foi Chefe de Gabinete do Prefeito. Veríssimo destaca ainda outras realizações daquela Administração: criação de novos bairros (“o de Santos Reis, por exemplo”) e pavimentação de várias ruas e avenidas. Ainda como Prefeito, construiu o primeiro

ginásio coberto, de Natal. O ginásio de esportes era considerado, então, o mais moderno do Norte/Nordeste.

Como Governador, Sylvio se destacou ainda por ter mandado fazer, pela primeira vez no Brasil, um levantamento agrogeológico e geofísico do Estado. Daí resultou uma carta de solos, indispensável ao planejamento da agricultura. O estudo que chegou a ser publicado pela Imprensa Oficial do Estado, em 1952, incluía um mapa de “Áreas pesquisadas pelo sistema geofísico para obtenção de águas subterrâneas” e mereceu elogios do VI Congresso Internacional de Geografia (Washington), mas, como de praxe no Brasil, foi engavetado e esquecido. Veríssimo relembra e elogia “a forma como Sylvio presidiu a eleição para o Governo do Estado, em 1956, se portando com absoluta isenção, como um verdadeiro magistrado”. O comum seria o Governador usar o seu poder para beneficiar apenas os correligionários, em detrimento dos adversários.

Mas é lembrando as suas realizações no campo cultural, que os intelectuais hoje o homenageiam. Veríssimo cita algumas: “Ele promoveu a primeira edição da “História da Cidade do Natal”, de Luís da Câmara Cascudo. Doou o terreno e ajudou a construir a Academia de Letras. Incentivou o teatro de estudantes. Reconstruiu a Fortaleza dos Reis Magos. Estimulou as Faculdades isoladas de Direito, Medicina e Filosofia, dando assim contribuição à futura UFRN. Fundou uma biblioteca públi-

ca no Teatro Carlos Gomes (atual Teatro Alberto Maranhão). Trouxe a Natal grandes conferencistas, como o sociólogo Gilberto Freyre, o psiquiatra Heitor Carrilho, o geógrafo Gilberto Osório de Andrade”.

“Valorizando a música erudita”, continua Veríssimo, “teve a iniciativa também inédita de proporcionar recitais com o pianista Oriano de Almeida, num palco montado em cima de um caminhão, em apresentações para os velhos do Abrigo Juvino Barreto, para os doentes do Hospital Miguel Couto, atualmente Hospital das Clínicas; inclusive, aos filhos de Lázaro (leproso) do Educandário Osvaldo Cruz e também aos órfãos”.

Residindo com a família no Rio de Janeiro, Sylvio atualmente exerce os cargos de Secretário Geral do Comitê Brasileiro da Câmara do Comércio Internacional; Secretário Geral da Associação dos Exportadores Brasileiros, e Secretário Executivo da Confederação Nacional do Comércio, função que ocupa desde 1972. No exercício desses cargos, já participou de reuniões comerciais — de interesse do Governo brasileiro — em Atenas, Istambul, Paris (cinco vezes), Viena, Veneza, Hamburgo, Genebra, China Popular, EUA, México, Caracas, Johannesburgo, Nova Delhi — chefiando missão comercial à Índia — e Sri Lanka, Ceilão. Coordenou encontros comerciais da delegação brasileira em Buenos Aires, Santiago do Chile, Paris, Lisboa, Washington, Otawa, e mais recentemente em Cancun, no México. □



Os intelectuais também não o esqueceram

Aspectos constitucionais do acordo do FMI

RAIMUNDO SOARES

O Conselho Federal da OAB arguiu a inconstitucionalidade da operação de crédito externo denominada «Deposit Facility Agreement», celebrada entre o Banco Central do Brasil, com a garantia do Tesouro Nacional, e um consórcio de Bancos liderados pelo City Bank N. A.

Essa operação integra a negociação da dívida externa brasileira, patrocinada pelo Fundo Monetário Internacional ou desenvolvida sob seu comando.

Trata-se de matéria que, por sua abrangência, não interessa apenas a juízes e advogados, mas a toda a sociedade, donde acharmos oportuno um comentário que a torne clara e compreensível ao público em geral.

A incriação de inconstitucionalidade, com base nos artigos 169, I, alínea e, da Constituição e 169 e seguintes do Regimento Interno do Supremo Tribunal Federal, funda-se precipuamente no argumento de que o ajuste não configura mero ato estipulativo, mas contém uma série de preceitos normativos que regerão doravante as relações entre o Brasil e os bancos credores. Assim, nos termos do art. 44, inciso I, combinado com o art. 81, ambos da Constituição, competiria ao Congresso Nacional o conhecimento da matéria, posto que, segundo aqueles dispositivos, lhe cabe ratificar ou rejeitar as convenções e atos internacionais celebrados pelo Presidente da República. Nestes termos, o contrato deveria ter sido submetido previamente à aprovação do Congresso.

Lembra o documento que os Acordos de Bretton Woods de 1944, que criaram o Fundo Monetário Internacional e o Bird, foram ratificados pelo Poder Legislativo, mas isto não bastaria para isentar o contrato da exigência do citado art. 44, porque essa ratificação data de 40 anos atrás e o preceito constitucional não distingue entre tratados-quadro e tratados de execução.

Alega-se ainda que o acordo introduz cláusula leonina e imoral, ao obrigar o Brasil, e não apenas o Banco Central, a não invocar, para eximir-se de seu compromisso, eventuais nulidades do instrumento, mesmo oriundas de incapacidade absoluta ou falta de personalidade legal dos bancos financiadores ou de seus representantes no ato. Tal submissão significa verdadeira condição potestativa anulatória do ajuste, além de expressa renúncia à soberania nacional e grave violação ao patrimônio moral da nação. Finalmente, investe o documento da Ordem contra a disposição pela qual o Brasil aceitou o foro dos Tribunais e as leis de Nova Iorque e de Londres.

A Procuradoria Geral da Fazenda Nacional contrariou, de forma satisfatória, o libelo. Preliminarmente, esclarece que a representação fundada em inconstitucionalidade só pode ter por objeto lei ou ato normativo e no caso se trata de um contrato.

E argumenta que o Acordo do FMI reproduz as mesmas cláusulas constantes de centenas de ajustes firmados por entidades da administração direta e indireta federal, estadual ou municipal e também pelas entidades privadas, sem qualquer impugnação sob o ponto de vista da constitucionalidade ou legalidade. São estipulações, além disto, que figuram nos contratos firmados por entidades públicas e privadas de todos os países que apelam para o mercado financeiro internacional.

Os atos jurídicos externos que dependem da discussão e votação do Congresso, pressupõem a participação de um ou mais Estados soberanos ou um ou mais Estados e uma organização internacional composta por Estados. Na hipótese, cuida-se de um contrato expressamente autorizado por lei, celebrado entre uma autarquia, com a garantia do Tesouro, e um consórcio de bancos privados.

Quanto aos demais pontos, também é convincente a resposta da Procuradoria Geral. De fato, não importa o transcurso do tempo para concluir pela caducidade do Tratado de Bretton Woods. Além do mais esse documento vigora atualmente com o texto aprovado em 1978, através da Emenda n.º 2 e de acordo com o Decreto Legislativo n.º 5, de 05.04.78. E se o convênio do FMI foi aprovado pelo Legislativo e pelo Executivo, não tem importância a discussão doutrinária sobre tratados-quadro e tratados de execução.

A arguição de potestativa à cláusula que não isenta a responsabilidade de honrar o compromisso, nos casos de nulidade do contrato e incapacidade ou vício de representação, é inválida em face da lei civil brasileira e de princípio universal de direito. É o que decorre da análise do art. 9.º da lei de introdução ao Código Civil, segundo o qual as obrigações se regem pela lei do país em que se constituírem.

Finalmente, contesta o Procurador a afirmação de que o Brasil aceitou submeter-se aos Tribunais de Nova Iorque e de Londres. O que se estabelece no Acordo é a arbitragem, como processo legal de dirimir eventuais litígios.

Parece ter havido um pouco de emoção no procedimento da Ordem. A verdade é que, sob um enfoque estritamente jurídico, a representação dificilmente prospere. A negociação, cujo mérito não nos cabe examinar, era indispensável até como meio de impedir a declaração de inadimplência, que, determinando o vencimento antecipado de obrigações volumosas, em moeda estrangeira, acarretaria, sem dúvida, o agravamento da crise brasileira, com gravíssimas repercussões nos campos econômico, político e social.

ELEIÇÕES

E difícil quem não dê força pelas diretas

Eleição direta para Presidente da República, o sonho acalentado pelas oposições e por numeroso contingente de eleitores que cresceram e se fizeram adultos sob a sombra do autoritarismo que predominou nestes últimos 20 anos, ainda encontra severas resistências em determinados segmentos sociais. Principalmente nas áreas que detêm alguma forma de poder, seja ele político ou econômico. É o que se deduz, diante de depoimentos colhidos junto a representantes das mais diversas atividades e de faixa etária a mais variada.

Ouvindo-se a população, de maneira geral, se constata um verdadeiro clamor pelas diretas, insuflado neste momento pelos movimentos orquestrados pelas oposições, que, deixando de lado divergências de estratégia política, vêm mantendo o País permanentemente acordado e com os olhos voltados para o dia 11 de abril, quando o Congresso Nacional dará sua palavra decisiva de como será o processo eleitoral.

Nos setores mais conservadores da sociedade natalense um nome ganha vulto entre aqueles que se dispõem a enfrentar o Colégio Eleitoral, que, decerto, unirá o sucessor do Presidente João Figueiredo: o do Deputado Federal Paulo Salim Maluf. O lépido e matreiro ex-Governador de São Paulo, em suas andanças pelo País, forradas a dinheiro, abundantes presentes, entre sorrisos e tapinhas nas costas, vem conseguindo impor seu nome entre todos os outros presidenciais. Pelo desejo dos eleitores mais velhos de Natal, que, no máximo, votaram para Presidente apenas três vezes, deveria ser ele alçado à Presidência da República pelo Colégio Eleitoral. Esses eleitores, que não vêem com bons olhos os movimentos pró-diretas, escudam-se, à guisa de justificativa, na letra da atual Constituição. Concordam unanimemente que não será a eleição direta que dará soluções à crise em que o País se encontra engolfado, mas, sim, a escolha de um homem certo para o posto.



Comícios: arma pela direta



Zildamir: nem sempre

OS ERROS — “Nas duas últimas vezes em que tivemos eleições diretas a massa votou errado”, lembra Zildamir Soares de Maria, 41 anos, Presidente da Federação dos Diretores Lojistas do Estado. E arremata: “Basta dizer que Hitler foi eleito pelo voto direto... Não se trata da forma de escolher. Talvez até uma Assembléia mais restrita, mais seleta, possa acertar. A última vez que participamos de eleições diretas escolhemos um louco (Jânio Quadros)...”.

Zildamir declara-se francamente favorável à eleição direta, “até porque seria a segunda vez que eu votaria”, mas não participará dos comícios que o Comitê Pró-Eleição Direta — que reúne desde partidos de oposição, diretórios acadêmicos da UFRN, até Conselhos Comunitários de bairros — fará realizar.

“Não irei porque não sou político.

co. Não é que eu esteja em cima do muro, não. Não quero ficar ausente, mas não trabalharei porque não sou político. Se eu fosse convencional ou se houvesse eleição direta daria meu voto a um empresário: Paulo Salim Maluf. Se ele sabe dirigir a sua empresa (Eucatex), sabe dirigir este País”. Para Zildamir, “o movimento das oposições é viável, mas não será a eleição direta que irá resolver o problema de ordem moral, econômico...”.

Sua posição tem alguns pontos em comum com a do ex-Senador Luiz de Barros, 70 anos, empresário, Diretor da Ceasa. Barros se diz constitucionalista, acha admissível o movimento pró-direta, mas não vê lógica nele: “Se a Constituição afirma que o processo já foi escolhido... A eleição indireta está lá! E, de mais a mais, em 1982 já se escolheu o Presidente, quando se elegeu o Colégio Eleitoral. Agora, uma vez ele eleito, que faça a reforma da Constituição!”

As afirmações de Barros são corroboradas por um representante de uma geração mais nova, o poeta **beat** Osório Almeida, 36 anos, que também descrê da validade das pressões populares em direção do Congresso: “Agora é tarde, Inês é morta...”, ironiza Almeida. “A oposição perdeu a oportunidade de eleger o Presidente da República em 1982, porque quem votou para Senador e Deputado Federal, votou para Presidente...”. Acerca da mobilização organizada pelo Comitê Pró-Eleição Direta, Osório

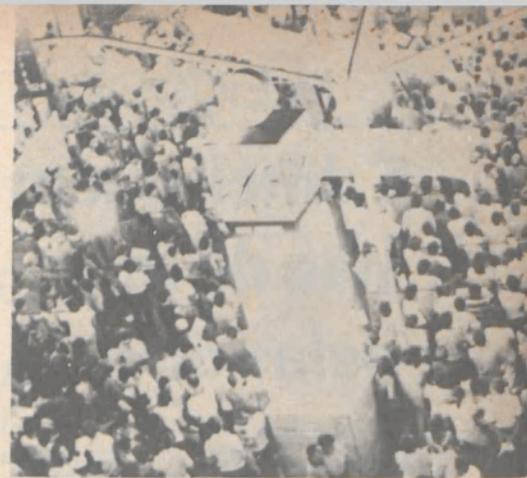
Almeida, que nunca votou para Presidente, mostra-se pessimista: "Estou achando tudo muito bonito, mas infelizmente a eleição será indireta, porque uma coisa é querer e outra coisa é Poder (com «p» maiúsculo)...".

FALSAS IDEOLOGIAS — Em meio ao tiroteio de opiniões, que se vão solidificando ao sabor de arranjos e rearranjos de direita e esquerda, o artista multimídia J. Medeiros, 24 anos, acha tudo «muito esdrúxulo»: "A gente está numa fase caótica da política brasileira, mas é justamente desse caos que poderá ser gerada uma nova ordem. O grande entrave disto são as divisões falsamente ideológicas de oposições inoperantes e defasadas. Sempre vai haver um conflito ideológico falseador e recalador de uma possível existência de um poder contra o que está instaurado". Medeiros, que colocaria o Deputado Mário Juruna no Planalto, se lhe fosse dado o ensejo da eleição direta, condena a atuação da oposição de forma global: "Se continuar a existir oposições, acredito que nunca se vai chegar a conclusão nenhuma..."

Dubitativo, o poeta Volontê, 28 anos, prefere esperar e "ver para crer". "Fica uma interrogação muito grande sobre o movimento pró-dire-

ta, porque isto será decidido pelo movimento popular. As massas sempre são quem decidem as coisas. Em Natal, o movimento está indo aos poucos. Estou vendo mais intelectuais dentro dele. A não ser que a massa participe dia 25, na Gentil Ferreira". Volontê lamenta "a grande desinformação" da população e define a situação atual como de transição: "Aqui, ainda estamos no coronelismo; estamos passando de um coronelismo rural para um coronelismo urbano. Ainda não passamos do poder moderador impregnado no século XIX por D. Pedro I. Na época era ele, agora é uma estrutura militarista..."

AZEITAR AS CLASSES TRABALHADORAS — De outro lado, detecta-se um anseio irreprimível para votar para Presidente da República entre aqueles que trabalham e se relacionam mais de perto com o povo. Como se vê nas palavras do vice-Presidente do Partido dos Trabalhadores (PT), radialista Rubens Lemos, 42 anos, ex-candidato a Governador do Estado, sob aquela sigla, nas últimas eleições. Como integrante do Comitê Pró-Eleição Direta, ele aposta nessa tentativa, mas com uma condição: que os movimentos de rua prossigam



A animação da campanha em Natal

por todo o ano de 1984, 85 e 86. "No entanto", reclama, "o PMDB já tem prazo até abril para terminar com os movimentos. Não importam datas. A luta teria que continuar até 1986, quando haveria o coroamento dessa pressão popular. Fora disso, é não saber utilizar os instrumentos de luta do próprio povo".

"Acreditamos que só há um caminho para o restabelecimento das diretas em todos os níveis: a permanente pressão popular", sentencia Lemos. "A intransigente pressão de todos os segmentos da sociedade e principalmente das classes trabalhadoras. Somente a força organizada do povo fará nascer neste País a verdade que os

Empreguismo:

sugestões para combatê-lo

Chama-se EMPREGUISMO o sistema de concessão de empregos, não raro adrede criados, para a colocação de pessoas inqualificadas e com a finalidade precípua de aliciar clientela eleitoral ou aumentar prestígio pessoal daquele que emprega. É um fenômeno que se pode encontrar em qualquer país, independente da forma de Governo, regime político ou ideologia. Mas, por se tratar de um fenômeno sobretudo cultural, prospera nas sociedades subdesenvolvidas, onde o povo não aprendeu a lutar, consciente e vigorosamente, contra esse tipo de injustiça social. Entre nós, o empreguismo é mal congênito. Basta lembrar que a «Certidão de Nascimento» do Brasil, a Carta de Pero Vaz de Caminha, termina com um pedido ao

Rei de Portugal, de um emprego para o genro do missivista... Também não é por acaso que Ruy Barbosa, ao tempo da República Velha, já dizia: — "Todos os que exercem, senhores, uma função pública, todos os que têm à sua conta um serviço, todos os que encarnam em si uma partícula maior ou menor de autoridade, todos a obtiveram mais ou menos irregularmente, e, ao desempenhá-la, só têm o interesse de a usar mal, para conservar por mais tempo, menos ameaçada e mais tranquila: os funcionários que entrando aos cargos, de ordinário, unicamente graças à valia de bons protetores, só nas suas relações pessoais com os influentes esperam segurança e acesso". "Criam-se até ministérios para se encherem de nepotes

e favoritos". Nem por isso, devemos deixar de procurar as causas principais do empreguismo e sugerir os meios de reduzi-lo, a um mínimo suportável, como uma forma de fazer justiça social (que tanto se reclama nesse País), para que as oportunidades de emprego, principalmente nos períodos de recessão econômica, não fiquem restritas a um grupo de felizardos, beneficiários do Poder.

Entre outras, podemos alinhar as seguintes causas do empreguismo no País, e, particularmente, no Estado do Rio Grande do Norte:

• CAUSAS DIRETAS:

- Mão-de-obra ociosa por ausência de mercado de trabalho;
- Subdesenvolvimento agrícola, comercial e industrial, que limita a absorção da mão-de-obra;
- Ausência de mão-de-obra qualificada, para utilização de um mercado específico;
- Educação viciosa, transmitida por professores despreparados para a formação de elemento social, principalmente das crianças e dos



alquimistas do grotesco modelo político, econômico e social vêm tratando de incubar e guardá-la no baú do engodo e da mistificação”.

Lemos também não acredita que a eleição direta para Presidente seja solução definitiva para os problemas do povo brasileiro, mas advoga que ela será “uma conquista importante no campo das liberdades democráticas”. “A alegação de que esse Colégio Eleitoral é legítimo é uma farsa, pois a legitimidade por eles defendida é apoiada, ungida e sacramentada pelo arbítrio da bionicidade. Os representantes do PDS, que só vêm o voto popular como importante às vésperas das eleições, hoje condenam

estranhamente as diretas, quando foram eleitos pelo voto direto do povo. Neste momento, é fundamental que aconteçam eleições diretas em todos os níveis, para que se devolva ao povo direitos que lhe foram usurpados entre tantos outros”.

Suas declarações encontram eco nas opiniões do ator e diretor teatral Jesiel Figueiredo, 42 anos, que faz apenas uma ressalva com relação aos movimentos: “Tenho muito medo das pessoas confundirem ato público com festividade”. Jesiel, que votou para Presidente uma única vez, não acredita que o Congresso deixe passar a eleição direta. Sobre o movimento político em Natal, ele lastima a experiência que teve: “A cidade é muito acomodada, muito tradicionalista. Vivemos ainda no tempo do PSD e UDN. Não há, aqui, liderança para fazer um movimento grande. Passei pela época áurea da esquerda festiva e, na hora em que conseguiram se projetar, passaram imediatamente para o outro lado”.

Menos incrédulo, o introdutor da macrobiótica no Estado, naturalista Vécio, 34 anos, que adotou o nome Subhadro, como saniasin, é favorável a um plebiscito. “Por favor, vamos acabar com as indiretas...”, implora. “São pelas indiretas os inimigos do

povo. Agora, como a política é econômica, tudo é comprado, o sistema de eleições indiretas se baseia nesse princípio. De qualquer modo, não é hora de se ficar fazendo blá-blá-blá por diretas, não. E hora de se exigir, pois trata-se de um direito nosso. A crise que está aí é a maior prova do insucesso das indiretas. Vamos seguir o exemplo da Argentina. Quero votar para Presidente, faço questão, pois nunca votei!”

Profundamente preocupado com outro tipo de eleição, o de Rei Momo do Carnaval, posto que disputa com mais dois outros candidatos, o ex-Vereador Severino Galvão, 70 anos, Rei Momo de Natal por oito anos, afirma que nada pode impedir que alguém se candidate a um posto. Ele se referia ao regulamento da Prefeitura de Natal, que limita a idade dos candidatos à cadeira de Rei Momo em 65 anos, assim como exige um peso que ele não tem, o que ameaçava retirá-lo do páreo. Quanto ao processo sucessório do Presidente Figueiredo, como filiado que é ao PDS, disse que acolherá o candidato que o Governador José Agripino Maia apontar. Referindo-se às demarches do Comitê Pró-Eleição Direta, é taxativo: “O efeito desse movimento é entregar o poder ao adversário...” □

jovens, que pela sua condição de receptividade fixam, mais facilmente, os conceitos transmitidos;

• CAUSAS INDIRETAS:

e) Falta de conhecimento teleológico da vida;

f) Aplicação pelo indivíduo, da lei do menor esforço, para suprir suas necessidades básicas, consequência da ignorância da sua função social;

g) Vício da ociosidade, decorrente do hábito de suprir suas necessidades sem dispensar o esforço correspondente;

h) Desvirtuamento das necessidades básicas que incentivam a aspiração do supérfluo;

i) Exploração dessas atuais condições de cultura, por parte de governantes, para se perpetuarem no Poder.

Sabemos que não é possível extinguir o empreguismo, mas não devemos deixar de lutar contra ele, do mesmo modo que combatemos a inflação e a corrupção, males crônicos, com os quais vivemos convivendo ao longo de nossa histó-

ria! Não podemos aceitar que a impenitência dos que se beneficiam com esses males sociais, seja a marca que nos distingue de outras nações, onde os corruptos são punidos com severidade. Entre as medidas saneadoras, poderíamos começar com a proposta feita pelo Padre Antônio Vieira: “Um bom sistema de prover os cargos é escolher o indivíduo para o cargo e não o cargo para o indivíduo, pois assim se valorizam os cargos e se beneficia a República”. Além disso, precisamos preparar professores competentes para transmitir às crianças e aos jovens conhecimentos racionais sobre seus direitos e deveres de cidadão. E mais: a) Rever os currículos dos diversos cursos, para escoimá-los de conceitos superados, atualizando-os de acordo com a realidade atual; b) Paralisar temporariamente ou extinguir os cursos que estão formando mão-de-obra sabidamente ociosa; c) Promover o desenvolvimento econômico do Estado, visando abrir campo à mão-de-obra qualificada; d) Dar atenção especial à formação cívica da juventude e,

sobretudo formar professores capazes e conscientes dessa responsabilidade; e) revigorar o sistema de promoções no serviço público, como estímulo aos mais capazes, prestigiando os que se conduzem corretamente no trato da coisa pública; f) Criar um sistema de cursos periódicos, visando à uniformização de critérios, conduta e objetivos da Administração.

Enfim, o meio mais eficaz de combater o empreguismo é a formação adequada do cidadão para as várias funções que desempenha na sociedade. A propósito, vale lembrar o filósofo norte-americano Will Durant: — “... a não ser que formemos nossas municipalidades e congressos com homens tão preparados para as funções como os preparamos para todas as demais tarefas da vida, a DEMOCRACIA não passará de uma falência em processo rápido — e teria sido melhor que a América não enganasse as esperanças do mundo com a grande promessa que fez”.

RUI XAVIER BEZERRA

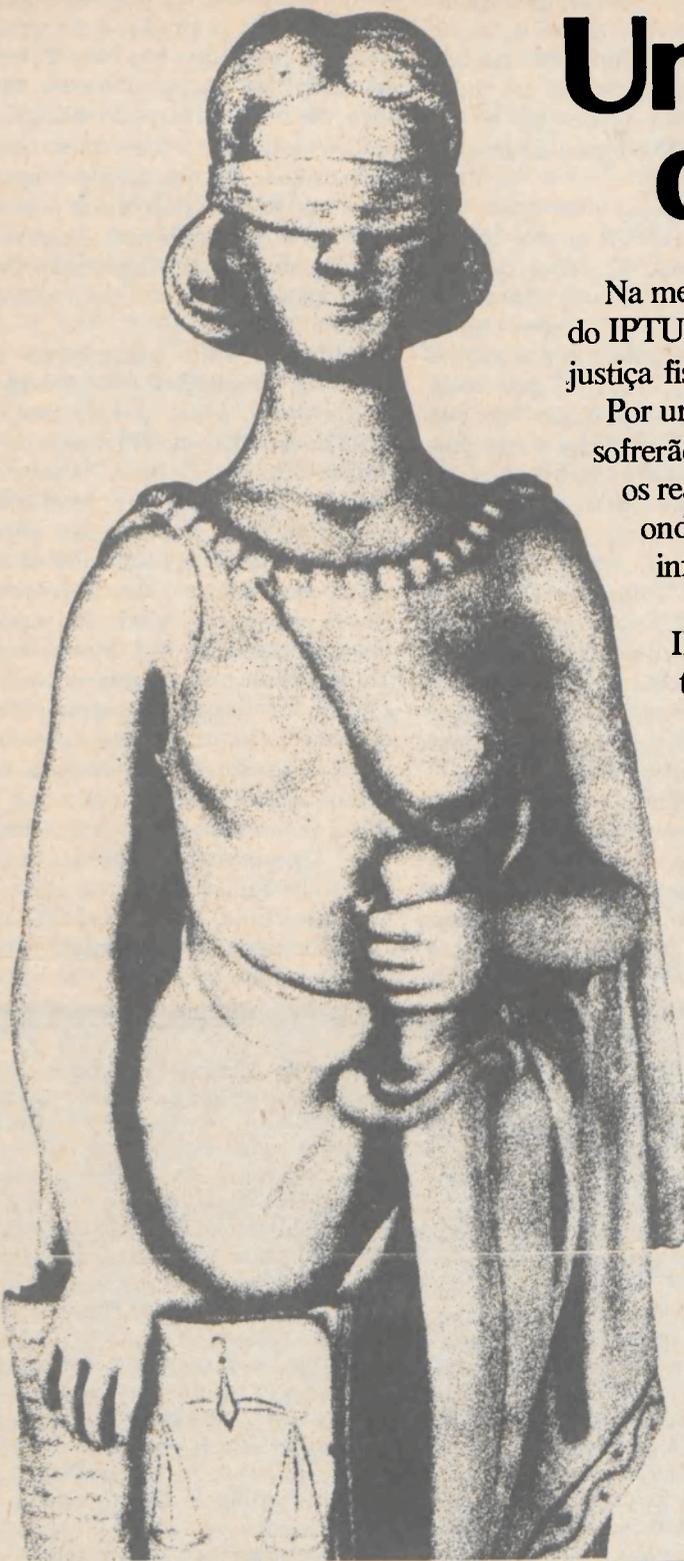
Uma questão de justiça.

Na mensagem do Prefeito, sobre os novos reajustes do IPTU, houve a intenção de se pôr em prática uma justiça fiscal e social.

Por um lado, aqueles que especulam com terrenos sofrerão reajustes de até 576%. Por outro lado, os reajustes nos conjuntos habitacionais, onde mora a maioria dos natalenses, serão inferiores aos índices da inflação.

Vale acrescentar que já está incluída no IPTU a taxa de limpeza pública, que beneficia toda a população, independente do seu nível social. Num cálculo aproximado, cada remoção de lixo doméstico custará ao contribuinte uma média de 100 cruzeiros.

A Prefeitura entende que justiça fiscal e social é isto. E vai levá-la a todos os cantos de nossa cidade Natal.



NOSSA CIDADE
NATAL

PREFEITURA DA CIDADE DO NATAL
Secretaria de Finanças.

IPTU 84.



A Cabugi despertou a reação da Trairy

RÁDIO

No ar, guerra eletrônica para animar os ouvintes

O rádio despertou em Natal. Um dos meios de comunicação mais ágeis da atualidade, o rádio, no Rio Grande do Norte, sempre padeceu de um inexplicável preconceito que o colocava longe das cogitações dos estudantes de jornalismo e profissionais de comunicação para quem imprensa é jornal ou televisão. A imagem que se fazia do rádio em Natal, tradicionalmente, era a do programa de disk-jockey — que, inclusive, tem feito a popularidade de muito político em início de carreira — ou do comentarista esportivo. Ou, no máximo, como meio para reclamações populares e críticas. No entanto, a última campanha para Governo do Estado, com o voto direto, revelou que o rádio, quando adequadamente usado, tem grande poder de influência junto da opinião pública. As grandes batalhas da campanha política se deram justamente através do rádio, enquanto os jornais serviram como suporte doutrinário para o discurso ideológico das diversas facções junto a uma elite. A rigor, o rádio, em Natal, revela-se mais popular e com grande poder de penetração, enquanto os jornais se mantêm com grande influência junto

as faixas elitizadas e intelectualizadas. Dessa forma, como veículo de massa, o rádio despertou a curiosidade dos grupos políticos e a primeira grande consequência foi a partida do grupo Maia — tendo à frente o ex-Governador Tarcísio Maia — para a montagem de um complexo de comunicação radiofônico — a Rede Tropical de Notícias — tendo como cabeça a até então hesitante e pouco expressiva Rádio Trairy.

O PODER DA CABUGI — Naturalmente, a idéia do grupo Maia de implantar o seu próprio sistema de radiodifusão nasceu com a necessidade de ter uma contrapartida aos órgãos de comunicação do seu maior adversário e ex-aliado por algum tempo: a família Alves. Além da implacável Tribuna do Norte, os Alves dispõem da Rádio Cabugi que em quase todas as últimas pesquisas do IBOPE se revela como a emissora de maior audiência entre as que dispõem de programação eclética, ficando apenas atrás da Nordeste com sua programação exclusivamente musical. Na última campanha, a Cabugi foi uma arma poderosa para os Alves e a Oposi-

ção. É ela que tem sido responsável pela excelente votação do Deputado Garibaldi Alves. É ela que tem levado a voz de Aluísio Alves a boa parte do Estado. É ela que tem garantido a votação de Henrique Eduardo Alves. Foi ela quem elegeu o radialista Souza Silva para a Câmara de Vereadores de Natal. Na campanha política, o programa «Panorama Político», do jornalista Agnelo Alves, levado ao ar às 18 horas dos dias úteis, praticamente foi a bandeira da Oposição e atingiu índices espantosos de audiência para um Estado que parecia só dar importância ao rádio para ouvir música e hora certa ou, no máximo, as gozações da Patrulha da Cidade e do Coronel Bolachinha, programa sertanejo da mesma Cabugi de grande índice de audiência levado ao ar todas as tardes, às 16 horas.

A REAÇÃO DOS MAIA — Desde que deixou o Governo e, mais agudamente, quando passou a trabalhar para tentar levar seu filho, José Agripino, à sucessão do então Governador Lavoisier Maia, Tarcísio Maia sentiu a necessidade de dispor de um sistema de comunicação eficiente. Muitos fatores levaram ele e seu grupo a isso. Por ocasião da aliança com os Alves para a eleição de Jessé Freire contra o então opositor Radir Pereira, houve o apoio do complexo de comunicação Cabugi/Difusora de Mossoró/Tribuna do Norte. Nos primeiros dias do Governo Lavoisier, o esquema continuou o mesmo, ainda mais com a velha Tribuna revitalizada com um novo parque gráfico. Àquela altura, houve um estremecimento entre o Governo e o jornal de maior circulação no Estado — Diário de Natal — e, por algum tempo, supôs-se que iria haver uma cerrada oposição. Mas as coisas foram se compondo. Do meio para o fim do Governo Lavoisier, os Alves já estavam de novo na Oposição.

Desde seus primeiros dias, o Governo Lavoisier Maia tentou contar com, pelo menos, um apoio seguro e certo. Daí, injetou recursos financeiros no jornal oficial «A República», reaberto no Governo Cortez Pereira, na tentativa de ter pelo menos um escudo. Não conseguiu.

Então, o grupo Maia percebeu que tinha de partir para o seu próprio complexo, não mais começando com um jornal — a experiência frustrada de Carlos Alberto com a «Folha da Manhã» deixou algumas sequelas, em relação à imprensa escrita — mas

com uma emissora de rádio. E a Trairy, que vinha capengando sob a administração do grupo Theodorico Bezerra, foi a saída mais viável.

A GUERRA NO AR — O grupo Maia — e não mais propriamente a família Maia — não tinha «know how» jornalístico. Mais precisamente: empresarial-jornalístico. Houve dúvidas quanto ao sucesso da iniciativa. Existe uma lenda nos meios de comunicação que diz ser muito mais fácil criar a imagem de uma empresa jornalística nova do que erguer uma já existente mas sem conceito suficiente. No caso de um jornal, é mais fácil — segundo essa lenda — fazer um órgão de grande circulação partindo do início do que levantar a cir-

culação de um que já a tem tradicionalmente baixa. Mas no caso da Trairy isso não funcionou. Ainda mais que a emissora, se nunca foi líder de audiência, ocupava sempre uma posição intermediária. A primeira grande providência foi colocar na direção da emissora Ana Sílvia, mulher do jornalista e diretor da TV-U, Jânio Vidal e irmã de José Agripino. A emissora começou a seguir uma diretriz comercial e artística coerente, com o objetivo de concorrer frontalmente com a Cabugi, formando uma equipe de esportes integrada por grandes nomes — inclusive tirando o astro maior da equipe da Cabugi, o gaúcho Marco Antônio, depois de ter tentado José Carlos Oliveira, considerado o melhor narrador local. Também reforçou os



Zé Carlos: força na Cabugi

seus quadros jornalísticos, retirando da Tribuna do Norte o repórter Ricardo Rosado de Holanda e montou pro-

Ana dirige com dinamismo a Trairy e quebra um tabu

A Diretora da Rádio Trairy, Ana Sílvia Tavares Maia Vidal, ao tomar posse da Diretoria da emissora, em setembro do ano passado, certamente já estava a par de que a sua administração seria marcada pelo signo de uma ampla modernização, o que intuitivamente Ana logo deve ter percebido pelo próprio fato de ela ser, possivelmente, a primeira mulher a assumir tal cargo numa empresa jornalística em Natal. “Não enfrentei grandes dificuldades, senão aquelas naturais causadas por um certo choque que as pessoas têm quando vêem uma mulher num cargo como o meu. Assim, no início houve uma certa timidez, logo superada. Desde o início me dei muito bem...”, diz Ana Sílvia, que é formada em Desenho Industrial, mas como ela disse, após ser indagada pelo repórter, “sem experiência anterior em administração de rádio”. O que não a impede de estar fazendo um bom trabalho, que pode ser traduzido na boa audiência que a Trairy vem conseguindo, o que, de acordo com Ana, a coloca num terceiro lugar. Ficando atrás da Nordeste, em primeiro; e a Cabugi, em segundo.

É certo que a Trairy, antes da posse de Ana Sílvia, já vinha há alguns meses passando por um significativo processo de mudanças

desde quando o ex-Governador Tarcísio Maia, seu pai, comprou a empresa ao «Majó» Theodorico Bezerra. Eram mudanças motivadas pelos interesses dos novos proprietários, como a transferência dos estúdios da emissora da Rua General Osório, na Cidade Alta, para o bairro do Alecrim, onde não por coincidência, durante as últimas eleições, houve uma identificação, recíproca, entre o Governador José Agripino e o bairro. Foi a partir daí, durante as campanhas políticas, que a Trairy começou a

alcançar seus melhores índices de audiência.

Mas, passado o período de entusiasmo político-eleitoral, a tendência natural seria a Trairy voltar aos modestos índices no IBOPE, que a situava abaixo da Poti e brigando com a de Educação Rural. No entanto, era preciso manter os milhares de novos ouvintes conquistados, em sintonia com a programação. A estratégia seria valorizar a assim chamada «prata da casa» — por exemplo, Rubens Lemos e equipe, no setor de esportes; e os



Ana: dificuldades naturais



Gerson: outra atração

gramas policiais similares à Patrulha da Cidade, o carro-chefe em audiência da emissora dos Alves. Foram

golpes inesperados que deixaram atônita a emissora da Ribeira, cuja folha de pagamento sempre foi sobrecarregada com os frequentes prejuízos sofridos pela Tribuna do Norte, ônus da sua marcante atuação política.

MAIS ALÉM — Quem ganha com tudo isso é o chamado público ouvinte. As outras emissoras de rádio se vêem forçadas a participar dessa guerra. E o rádio, em Natal, ganha animação inusitada. Até há pouco mais de ano as coisas, de fato, estavam monótonas demais no campo radiofônico. Todas as emissoras de rádio haviam desativado suas equipes de esportes, ficando solitária na cabine do Castelão apenas a Cabugi.

Coincidindo com a época da campanha eleitoral, as coisas foram mudando de situação, de novo. Hoje, apenas a Rádio Nordeste — e naturalmente a FM Reis Magos — permanece com uma programação essencialmente musical, gravada. Brigam Cabugi e Trairy em todas as frentes e todas se enfrentam no setor esportivo, dando mais alegria ao Castelão nos dias de jogos.

E essa briga está só no começo. Os planos da Trairy e da Rede Tropical são ambiciosos, vem mais rádio FM por aí, a Cabugi está reativando os seus planos.

O próximo elemento da guerra eletrônica em Natal é a TV Comercial do grupo Maia, com a concessão já garantida. □

populares disk-jóqueis, em programas de música e participação do ouvinte; e, por outro lado partir para (grandes) contratações. A primeira a ser feita, a do jornalista Ricardo Rosado, ultrapassou a rotina de um simples contrato entre um jornalista e uma empresa de comunicação e alcançou repercussão até mesmo em polêmicas reportagens nos jornais da cidade. Uns fazendo uma ligeira «patrulha ideológica», afinal ele saía de um jornal de oposição, «Tribuna do Norte», onde ganhava quatro ou cinco vezes menos, e passava para uma rádio do atual grupo político dominante. Outros, ao noticiar o fato, fazendo uma abordagem assim meio irônica ao colocá-lo como uma espécie de estrela que tivesse assinado contrato com uma grande rede de televisão, uma coisa assim meio Rede Globo.

É verdade que, nessa história toda, existe ou está perto de se formar uma rede de emissoras jornalísticas, a Rede Tropical, formada pela Trairy e várias emissoras de rádio do interior, além de — finalmente — um canal de TV comercial natalense. Quanto àqueles comentários a cerca da contratação, Ana sorri, iluminando ainda mais a sua pele bronzeada, o que realça o seu jeito jovem, e se defende evasivamente afirmando que “não existe isso...”. A certa altura da entrevista, quando meio por acaso foi novamente abordada essa questão, desta vez a respeito da mais recente contratação, a do comentarista esportivo Marco An-

tônio, ela respondeu, mais uma vez bem humorada, que “repetia uma frase de Rubens Lemos: “O salário é menor do que ele merece e mais do que a gente podia”.

“O objetivo, havia dito Ana, é tornar a empresa moderna, dando-se boas condições de trabalho aos funcionários”. E sintetiza: “O que houve, antes de tudo, foi uma alentadora valorização profissional. E está se fazendo modificações de ordem administrativa, contratando-se bons profissionais”, pondera ela.

MODIFICAÇÕES — Quanto aos novos planos, Ana Silvia disse que até o próximo mês de março a emissora estará funcionando em sua nova sede, que abrange 700 metros quadrados da rua Romualdo Galvão “entre os bairros do Alecrim, Lagoa Seca e Tirol”. Um outro plano da empresa é investir em novos equipamentos — mesa de som, equalizadores e outros — para melhoria do estúdio, além de dotá-lo com novas linhas telefônicas, o que possibilitará formar cadeia com emissoras de rádio, do interior, durante as edições diárias, de 6h15 às 7 horas, do programa jornalístico Rede Tropical de Notícias. Atualmente, o programa é dividido em duas partes: uma local, sob o comando do talentoso Ricardo Rosado; e outra em cadeia com a Rádio Libertadores, de Mossoró. As outras emissoras que participam da Rede Tropical são as Rádios Curimataú, de Nova Cruz; Princesa do Vale, de Açu; Centenário, de Caraúbas; Ouro Branco,

em Currais Novos. Ainda este semestre, serão inauguradas mais duas: Seridó e Cultura do Oeste, respectivamente em Caicó e Pau dos Ferros.

“Tudo isso”, afirma Silvia, “representa fazer um rádio sério, de credibilidade; que o ouvinte ouça a notícia correta, que seja estimulado o furo jornalístico”. Questionada ainda se, portanto, haveria uma prioridade para o radiojornalismo, ela respondeu que não, que todos os setores — jornalismo, esportes e shows musicais — tinham prioridades iguais. “É claro, rádio não é só lazer; é preciso manter o povo bem informado”. Ela também informou sobre a chegada de um engenheiro de São Paulo, Carlos Scherman, que estará em Natal ainda este mês, para coordenar a mudança do estúdio e instalação dos novos equipamentos no novo prédio. Tudo isso, somado à atual potência da rádio, 10 quilowatts, possibilitará “um bom som e de longo alcance”. Acrescentando ainda as promoções que a Trairy vem fazendo junto aos ouvintes, como por exemplo o concurso «Viagem junto à Seleção do Povo» — como é popularmente conhecida a equipe de esportes da rádio, responsável pelo certame que recebeu cerca de quatro mil cartas dos ouvintes. Dois deles foram sorteados, possibilitando ao primeiro colocado uma viagem a Fortaleza, Ceará, onde acompanhará, no dia 10 de fevereiro, o jogo ABC e Ferroviário. O segundo lugar receberá brindes.



O plantão para salvar vidas

COMPORTAMENTO — I

CVV: um telefone amigo para as horas difíceis

Trrriimmm...

— Alô?!

— Boa noite! CVV-Samaritanos...

— Escuta, quero conversar um pouco... desabafar...

— Certo, amigo. Estou à sua disposição para ouvir o seu desabafo.

Assim pode começar mais um diálogo, por telefone, entre um «Spot» — pessoa com pensamento suicida, segundo o jargão técnico surgido da prática e um plantonista do Centro de Valorização da Vida — CVV-Samaritanos. Não se trata de um telefonema qualquer, mas de um contato cuja comunicação deve ser feita com o máximo de cuidado, de modo a levar a pessoa, após o desabafo, a se sentir devidamente aliviada e confiante para superar a sua situação de angústia.

O CVV-Samaritanos, entidade reconhecida como de utilidade pública pelo Governo Federal, funciona em Natal há um ano e sete meses. Atualmente conta com 16 plantonistas voluntários. Eles se revezam diariamente para dar o seu plantão de 18 às 22 horas e 30 minutos, ou seja, pelo menos uma vez por semana dois voluntários são escalados para atender durante quadro horas e meia os telefonemas. De segunda a domingo. E para ser voluntário, a pessoa precisa ser compreensiva, carinhosa e ter muita vontade de ajudar àquelas cria-

turas tristes, solitárias e angustiadas que telefonam, ou mesmo procuram pessoalmente os voluntários do Centro de Valorização da Vida.

O BALANÇO DA AJUDA — De julho de 1982, quando foi fundado aqui em Natal, até dezembro do ano passado, o CVV atendeu a 2.205 telefonemas. Desses contatos, 1.875 foram no ano passado, dos quais 401 pessoas telefonaram para saber informações sobre o CVV e a partir daí manter, ou não, novos diálogos para desabafar; 121 pessoas ligaram, deram um tímido «alô» e passaram vários minutos até que aceitassem se abrir



A voz feminina sempre ajuda

ao diálogo com o plantonista, que, por sua vez, não deixava que o possível «Spot» desligasse antes que ouvisse suas palavras de carinho e amizade; outras 161 pessoas deixaram recado para falar com um ou outro plantonista com quem tem maior confiança e que, naquele dia, não se encontrava de plantão; e 598 telefonemas foram registrados como «engano, desculpe». Claro que houve os inevitáveis 37 «trotos», comuns a qualquer aparelho telefônico, mesmo um de urgência como é o do CVV. Um «trote» para o CVV, na verdade, perde um pouco de sua finalidade, que é a de irritar quem está do outro lado da linha, pois o plantonista não desligará o telefone de imediato como acontece com quem fica irritado com um «trote» mas procurará ouvir, com atenção e paciência, pois por detrás de «um trote» pode se esconder uma pessoa com problemas emocionais muito graves. Atenderam ainda a 123 cidadãos que foram pessoalmente à sede do CVV-Natal, no edifício Sisal, Cidade Alta.

ANGÚSTIA — Segundo dois voluntários do CVV de Natal, Amaro Amauri da Silva e Natércio Dias de Holanda, a maior parte das pessoas que telefonam querem desabafar seus problemas afetivos, desde aqueles de solidão até os de uso de drogas, homossexualismo, desilusões amorosas, etc. “Ao ouvirmos o desabafo, dividimos com a pessoa os seus problemas. Queremos ajudar ao cidadão a encontrar a melhor maneira para encarar a situação que o aflige. Para isso, garantimos sigilo absoluto. O que mais nos interessa é dar o nosso amor ao próximo. Ou seja, se uma pessoa não quiser entrar em maiores detalhes sobre os seus problemas nós compreenderemos. Mas é igualmente importante que essa mesma pessoa saiba que é mais fácil viver quando se tem um amigo em quem pode confiar. Assim, estaremos ajudando a pessoa a encontrar a solução, ou seja, valorizando e celebrando a vida”.

O primeiro Centro de Valorização da Vida, no Brasil, foi fundado em São Paulo há cerca de 20 anos, por Jacques André Cochon, que segundo Natércio — “ele se espelhou no exemplo dos Samaritanos de Londres”. Hoje, há 34 Centros Samaritanos no Brasil. Natal e Recife são as duas capitais do Nordeste a possuir CVV. Salvador e Fortaleza, por exemplo, com muito mais problemas sociais do que Natal, ainda não têm

CVV. De qualquer forma, Porto Alegre, Brasília, Curitiba, Rio de Janeiro, Goiânia e Belém se juntam às cidades que possuem os Centros Samaritanos. Aqui em Natal, a entidade, que se diz apolítica, tentará se tornar de utilidade pública estadual e municipal. Para isso, espera contar com ajuda de parlamentares interessados em encampar a reivindicação, pois o CVV, sendo de utilidade pública, não tem fins lucrativos e precisa de auxílios e doações filantrópicas. Um desses auxílios, por exemplo, foi dado pela Telern que colocou à disposição do CVV a linha telefônica 222-0226, pela qual a entidade paga uma taxa mínima de manutenção.

Além dos planos de tornar a enti-

dade como de utilidade pública estadual e municipal, os voluntários do Centro Samaritano objetivam ainda ampliar o número de plantonistas, de ambos os sexos, após a seleção de mais 14 voluntários para atenderem as chamadas telefônicas em mais um horário, de 14 às 18 horas. Daí terem realizado recentemente um curso na ETRN, o qual durou duas semanas. "O CVV pede ao voluntário apenas quatro horas e meia por semana para que se dedique ao próximo, com compreensão, carinho e vontade de ajudar", diz emocionado o voluntário Amaro Amauri, que é completado pelo colega Natércio Dias: "Os tristes, solitários e angustiados antecipadamente agradecem". □

ADMINISTRAÇÃO

Acumulação de cargos: há quem teime em acumular

A Comissão de Acumulação de Cargos continua analisando os processos onde foram detectados acumulação, um total de 492, dos quais 158 já foram analisados e 61 tiveram parecer positivo, ou seja, foram detectados casos de acumulação ilícita e segundo informação do Secretário de Administração, Efrem Lima, está havendo uma certa resistência e muitos casos apelam para o Governador. Mas esses apelos não têm ressonância legal, garante Efrem, porque a Comissão é formada por cinco advogados de Direito Administrativo, o que tira a possibilidade de erro.

O Secretário de Administração esclarece que os casos lícitos acontecem quando há compatibilidade de horário, correlação de matérias (magistério com cargos públicos) e de dois cargos técnicos ou científicos (caso de médicos, por exemplo). É ilícito quando há incompatibilidade de horário, não há correlação de matéria entre o cargo público e o magistério ou quando a pessoa exerce dois cargos que não são técnicos ou científicos.

Dos casos ilícitos detectados, a maior frequência acontece no magistério e isso deve-se, acredita Efrem Lima, à flexibilidade de horário — "normalmente o professor tem quarenta horas e dez são para preparar matéria em casa, fora de sala de aula. Mas isso não acontece, ele arranja

outro emprego". Quando há ilegalidade, após análise do processo, é feita uma resolução e encaminhada ao interessado para opção, cujo prazo de resposta é de 120 dias, conforme decreto do Governador. Efrem acha, no entanto, tal prazo bastante dilatado pois, na sua opinião, para fazer a opção é necessário somente 48 horas.



Efrem: luta contra a acumulação

MUDANÇA NO PRAZO — Como todas as exigências foram baixadas em decreto, Efrem informou que está tentando a mudança no prazo de opção e também estudando a possibilidade de criar mais duas comissões, para apressar o trabalho. Ele comenta que do jeito que vai, esse trabalho

para evitar acumulação de cargo vai demorar mais do que o tempo suficiente.

Além da análise a partir dos formulários preenchidos pelos funcionários do Estado desde agosto último, o Secretário de Administração explicou que vários casos de acumulação já foram detectados através de observação de casos de funcionários que constam na folha de pagamento de diferentes repartições do Estado e que não foram registradas nas declarações de acumulação distribuídas em 1983. Efrem diz ainda que quase dois mil funcionários deixaram de entregar sua declaração — "e veja que o prazo foi até 30 de agosto passado". Nesses casos, garante, a Secretaria vai reter o cheque de pagamento, "porque contraria as normas do decreto, que deu o prazo até 30 de agosto e até esta data eles não entregaram a declaração. Faço um apelo à estas pessoas para que atendam às determinações do decreto, para não serem prejudicadas".

O percentual entre os que optaram pelo Estado e pelo outro emprego é o mesmo, segundo Efrem e em termos de redução de gastos, pouco significa, até porque alguma informação mais concreta só poderá ser fornecida após a conclusão do trabalho, frisou.

"O problema é moralizar, e não economizar. Existem leis que proíbem e os funcionários não estão cum-

prindo. Cabe ao administrador corrigir isso".

GASTOS CONTROLADOS — A Secretaria de Administração também está apertando o cerco contra os gastos supérfluos da máquina administrativa do Estado, principalmente no

que diz respeito ao controle de uso de carro oficial e consumo de combustível. Neste aspecto, argumenta Efreim que o decreto vem sendo cumprido em grande parte, o que tem resultado numa redução considerável no consumo de combustível.

“Depois do decreto, a redução foi de cinco mil litros (gasolina, álcool e óleo) por mês”, frisa o Secretário. Algumas viaturas que continuam rodando em horário fora do expediente, continua, “é consequente de algumas atividades que as Secretarias estão exercitando e que exigem a movimentação de pessoal”. Como exemplo, ele cita o caso da equipe encarregada pela realização do concurso de professor (já realizado), que trabalhou dois dias em final de semana.

Quanto à cota de gasolina, ele afirma que é feita trimestralmente, porém ressalta que varia de Secretaria para Secretaria — “de acordo com a máquina do carro, se é álcool ou gasolina”. De qualquer forma, ele adianta que a média é de 20 litros por dia.

Outra orientação no sentido de evitar gastos excessivos, diz respeito às diárias, que devem ser pagas somente em caso estritamente necessário. “Diária integral, só se houver pernoite”, frisa. De uma forma geral, acentua, a política de redução de gastos tem funcionado e colaborado, em grande parte, para que o orçamento possa atender às exigências, pelo menos de forma precária. □

PREVIDÊNCIA

Um novo plano do Inamps em implantação

A partir deste mês de março o Inamps implanta, em Natal, a «racionalização ambulatorial», um sistema hierarquizado e regionalizado de atendimento dos postos do Inamps, segundo informou o Superintendente Regional do órgão, Dinarte Mariz Júnior, que adianta ainda ser este um sistema que visa facilitar a vida do paciente, que agora não terá de enfrentar várias filas para ser atendido por médicos especializados. Ele explicou que, com a racionalização, o segurado enfrenta fila uma única vez para a clínica básica que, dependen-



Filas terminam?

do do caso, encaminhará e marcará hora com o médico especializado em questão.

Com o novo sistema de atendimento, o Inamps irá operar com os postos já existentes, devendo haver apenas uma ampliação de alguns deles. A assistência será dada em três níveis: primeiro, o segurado é encaminhado às clínicas básicas (pediatria, clínica médica, tocoginecologia e oftalmologia) e, se constatada a necessidade de uma consulta especializada, ele é encaminhado já com hora marcada para um médico desse mesmo posto ou outro onde haja a especialidade necessária. Uma terceira etapa (ou nível) seria em caso de internação, depois de consultado o médico especializado.

“Tudo isso entrosando com o convênio existente entre o Inamps e a Secretaria da Saúde, através do Projeto Natal”, ressalta Dinarte Júnior, explicando em seguida que a regionalização prevista diz respeito ao atendimento obrigatório na zona geográfica do segurado. Com isso, continua, ele não terá de se deslocar da Cidade da Esperança para um Posto no Alecrim ou Rocas, por exemplo, para fazer uma consulta especializada ou corriqueira, dependendo do caso.

O Superintendente do Inamps garante que não será preciso construção de novos postos de atendimento, apenas algumas modificações, como ocorrerá com um dos postos das Rocas (lá existem dois), que será realocado numa área periférica da cidade, ainda indefinida. O Inamps está procurando um prédio para alugar e o que será desocupado nas Rocas (prédio próprio, frisou), será adaptado para uma clínica de fisioterapia.

PROJETO NATAL — A racionalização ambulatorial não conflitará com o Projeto Natal, convênio Secretaria de Saúde/Inamps, implantado em se-

UMA QUESTÃO DE BOM SENSO



O slogan “pensou em construir, pensou na Saci”, já está tão difundido e acreditado no Rio Grande do Norte que são raras as pessoas que constroem ou reformam suas casas e não compram o material na Saci — Material de Construção Ltda., ou mesmo vão até a loja pedir informações sobre produtos e detalhes técnicos. É, primeiramente, uma questão de bom senso. A empresa já é uma tradição de mais de vinte anos, vendendo bons produtos ao norte-riograndense, comercializando as grandes marcas. Depois, são os bons preços e os convidativos planos de pagamento. Engenheiros, arquitetos, investidores do setor e até mesmo donas-de-casa “na hora de construir, pensam na Saci”. E, se você vai construir, pense também na Saci.



Pte. Bandeira, 828 Tels.: 223-3626 / 3627 / 3628
Av. Rio Branco, 304 — Ribeira — Natal-RN

tempo passado e que foi alvo de críticas de médicos e pacientes. A informação é de Dinarte Júnior, que refuta qualquer crítica afirmando que, "cinco meses após a implantação do Projeto, os hospitais continuam funcionando". Ele diz que se pretende melhorar o atendimento e com o Projeto Natal, 80 por cento dos casos são resolvidos na assistência primária (básica), sem necessidade de hospitalização.

Para o Superintendente do Inamps, ações de saúde não devem ser puramente médicas, mas deve ser visto, principalmente, o lado social e preventivo, o que se consegue com o saneamento básico. Em Natal, uma cidade ainda não saneada totalmente, há moradores — principalmente das regiões periféricas — que pagam o ônus de não ser beneficiado pelo saneamento básico. "Mas poucas cidades do Brasil — nem São Paulo que é considerada uma cidade desenvolvida — tem toda sua área geográfica coberta por serviços de saneamento básico", argumenta Dinarte Júnior.

O que precisa ser feito com urgência é um programa de esclarecimento com finalidades educativas, sobre problemas de higiene e tratamentos de insetos, entre outros aspectos importantes para a saúde da população, continuou Mariz Júnior.

MORTALIDADE INFANTIL — Além da racionalização ambulatorial e do Projeto Natal, o Inamps está dando continuidade a programas implantados anteriormente, especialmente os programas de atendimento infantil, onde acontece o maior índice de morbidade e de mortalidade, argumenta Dinarte Júnior. Ele afirma que tal preocupação se dá, principalmente, por ser o Rio Grande do Norte o Estado do Brasil com maior índice de mortalidade infantil.

"No Nordeste, principalmente neste período do ano (verão), há problemas de desidratação o ano inteiro, causados pela higiene (falta de), tipo de alimento utilizado nessa época e também a sudorese". Partindo desse problema é que foi implantado o programa de reidratação oral, executado pelo Posto do Inamps do Alecrim. Para se ter uma idéia, exemplificou ele, até dezembro do ano passado foram registrados 747 atendimentos de crianças com problemas de desidratação, dos quais 293 retornaram, 07 foram internados e 347 foram hidratados. Esse alto índice de desidratação é rotina o ano inteiro, frisou Dinarte.

Outros programas que demonstram a preocupação com as crianças diz respeito ao controle das infecções respiratórias agudas, considerada uma das patologias que mais atingem as crianças do Estado.

Outro programa destacado por Dinarte Júnior é o Materno-Infantil, onde as mães são atendidas desde a

sua gestação até o nascimento do filho, sendo inclusive estimulada para a alimentação natural (aleitamento materno), que é também uma das formas de se evitar a diarreia.

"O leite materno é rico em substâncias anti-infecciosas. Funciona quase como uma vacina, porque leva anti-corpos já formados para a criança". □

COMÉRCIO

Em 84, a maré das vendas continua em nível baixo

O comércio de Natal entrou em 1984 com a maré baixa. Todas as cifras são desanimadoras e, mesmo a concessão por parte do Governo do parcelamento do pagamento do ICM para as empresas que não têm dinheiro à vista, não diminuiu o impacto da situação. O baixo nível do aumento do funcionalismo público federal, o grande número de demissões, a redução dos gastos públicos com o freio das atividades de muitos setores — como o da construção civil, ainda num impasse — vieram agravar o cerco sofrido pelo comércio. A única chama de esperança e por onde circulam algumas notícias otimistas reside no esforço para trazer à Natal a próxima Convenção Nacional Lojista, trabalho esse que vem sendo realizado com fria determinação pelo Presidente do CDL, Antônio Gentil. No mais, são apenas números negativos. O poder aquisitivo da população, segundo os dados em poder dos empresários, fica cada vez mais defasado. E isso significa que todo o dinheiro que as famílias conseguem na sua renda mensal é para as necessidades estritamente básicas:

"Hoje já se pode ver" — opina um empresário do setor de confecções — nas ruas de Natal que os rapazes e moças e mesmo as pessoas melhor situadas não se vestem mais com tanto apuro. É difícil uma roupa nova.

ELITIZAÇÃO DO CONSUMO — Pode parecer exagero. Mas cresce a certeza de que o consumo se tornou elitizado e vai se tornar cada vez mais. Um cronista de sociedade, a propósito dessa situação, teve oportunidade de comentar numa roda de empresários que discutiam o problema:

"Crise? Pois sim. Existe para a maioria. Quem consome, na classe alta, continua consumindo. Posso apontar, do fim para o começo do ano, inúmeras recepções onde as damas da sociedade não repetiram o vestido uma única vez. E são vestidos de 80 a 100 mil cruzeiros para lá".

Na verdade, nos veraneios mais chiques a crise não chegou a afetar animação, nem a provocar constrangimentos. Mas, de um modo ou de outro, o comércio vem sentindo essa crise de forma violenta: as rescisões



Comércio: só crise

de contratos de trabalho têm aumentado, as juízas do Trabalho têm tido um ritmo de atividade muito grande e os setores de liberação do FGTS dos bancos nunca receberam tanta gente.

O pior de tudo, segundo admitem os comerciantes, na sua quase totalidade, é que não se pode esperar nada de bom para este ano. Nem mesmo o pessoal do setor de eletroeletrônicos faz fé nas novidades da eletrônica porque sabe que a queda do poder aquisitivo foi de tal porte que só uns poucos poderão usufruir dessas maravilhas modernas. □

Ford comemora 75 anos de seu famoso Modelo T

Exatamente há 75 anos, Henry Ford originou uma autêntica revolução nos meios de transporte, com o lançamento de seu primeiro Modelo T que, muito mais do que qualquer outro, transformou o automóvel de um hobby de ricos num fator vital para a comodidade do homem. O Modelo T representou também uma reformulação completa nos métodos de manufatura e a redução drástica dos custos de produção a níveis realmente inéditos. Como resultado, o Modelo T atingiu uma participação imbatível no mercado: na década de 1920,

mais da metade dos carros rodando no mundo era Ford.

Na virada do século, Henry Ford desenvolveu modelos bastantes avançados para a sua geração, incrementando gradualmente os métodos de produção. O Modelo A, leve e equipado com motor de dois cilindros, produzido entre 1903 e 1905, foi sucedido pelo Modelo N em 1906, com motor de 4 cilindros. O primeiro Modelo T surgiu em 1908 e, apesar de fabricado nos Estados Unidos, sua primeira aparição pública ocorreu no Olympia

Motor Show, em Londres, seguida logo depois por uma demonstração no Salão do Automóvel de Paris.

O Modelo T marcou uma nova era para a indústria automotiva internacional e os números confirmam essa opinião. Depois de manter média anual superior a 10 mil unidades a partir de 1909, ganhou projeção após a inauguração da linha móvel de produção, implantada por Henry Ford em 1913. O Modelo «T» esteve presente em nosso Estado. Na foto, vemos vários deles na festa de São José do Seridó, em 1925.

RENOVAR COM PE-

SADOS — A isenção de impostos para caminhoneiros na compra de veículos novos como forma de viabilizar a renovação da frota nacional com caminhões pesados, mais condizentes com a realidade brasileira, é a principal meta defendida pela Associação Brasileira de Caminhoneiros. A ABCAM foi criada no ano passado, em assembleia de 300 caminhoneiros reunidos em São Paulo, que elegeram a diretoria executiva. Também foi constituído um «CONSELHO SUPERIOR».

O veículo que Honda espera vir representar um papel importante no futuro, tem três rodas e foi batizado com o nome «XXX». Apresentada recentemente no Salão de Tóquio, a nova máquina poderá abrir, num futuro próximo, imensas perspectivas rumo ao domínio do transporte individual. O modelo «XXX» é



Feirão do carro: sucesso em Natal

um veículo dotado de uma aerodinâmica excepcional, com duas rodas na frente e uma na traseira. Possui uma ótima relação peso-potência, com um baixo consumo de combustível. O motor com 2 cilindros em «V», está colocado entre as rodas dianteiras.

FEIRÃO DO CARRO

É SUCESSO — Com público récorde, o 6.º Feirão do Carro, realizado nos dias 28 e 29 do mês passado, ultrapassou as mais otimistas previsões em termos de comercialização. O Shopping Center Cidade Jardim, local escolhido pelo promotor do evento, vem se constituindo em ponto de atração para a família

natalense, pois oferece muitos atrativos, além da exposição de carros. Aos poucos o «FEIRÃO» vai se firmando como um empreendimento de utilidade pública.

Belíssimas as instalações de F. ALVES NETO na Av. Prudente de Moraes. A loja de Chico Alves não deve nada às mais sofisticadas reven-

VEÍCULOS

das autorizadas do Sul do Brasil. A comunidade natalense está, portanto, de parabéns.

MERCADO BRASILEIRO APROVA O CAMINHÃO TURBO — O Fiat 190 Turbo completou pouco mais de um ano no mercado brasileiro. Nesse período o caminhão foi submetido, com sucesso, a praticamente todas as aplicações no transporte rodoviário a longas distâncias, levando cargas de até 45 toneladas.

FUSCA, 25 ANOS — O Fusca sempre foi, desde o seu lançamento no Brasil em janeiro de 1959, o mais discutido e querido automóvel brasileiro, graças à sua confiabilidade, durabilidade, manutenção fácil e valor de revenda. O modelo 84, que já se encontra à venda em Marpas S/A e na Distribuidora de Automóveis Seridó, concessionários da Volks em nossa cidade, custa Cr\$ 4.354.000,00, na sua versão básica a álcool, distingue-se dos modelos anteriores pelo novo motor 1.6, com consumo de 10 a 15% inferior ao atual modelo a gasolina e 7 a 15% inferior na versão álcool. Em comemoração ao Fusca 25 anos, a Volks lançou um modelo especial, de alto luxo.

GMB LANÇA FURGÃO CHEVY 500 — Com 2,5 m³ de capacidade e duas portas traseiras de abertura total, a Chevy 500, tipo «furgão», tem cobertura em fibra de vidro, especialmente projetada, permitindo, também, perfeita

integração de capacidade volumétrica e carga. O Furgão Chevy já se encontra em fabricação na montadora de São José dos Campos.

O Escort XR-3, o mais novo lançamento da

Ford, caiu como uma luva no gosto do natalense. Paulo Coutinho, Diretor da Granorte, nos informa que os pedidos são muitos, notadamente para a versão com ar condicionado.

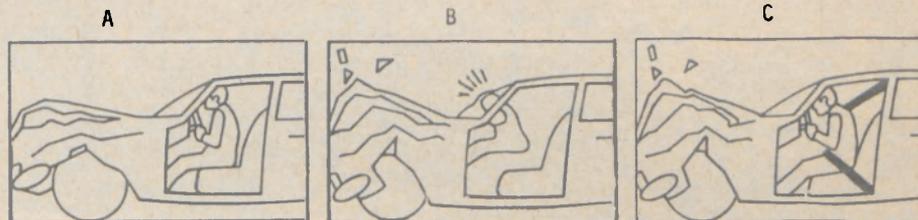
A Credicarro está com

o projeto da sua nova loja pronto. As novas instalações da Credicarro (moderníssimas) estarão sendo construídas na Av. Prudente de Moraes, perto do Hiper Center. Anchieta e Maurício estão felizes.

O USO DO CINTO DE SEGURANÇA — A partir de 1.º de janeiro do corrente ano, entrou em vigor a Resolução n.º 615/83, do Conselho Nacional de Trânsito, que

institui a obrigatoriedade fiscalizada do cinto de segurança nas rodovias, prevendo multa de 5% do salário referência para os infratores. A medida será estendida às vias

públicas urbanas, a partir de janeiro de 1985. Veja, a seguir, esclarecimentos acerca das vantagens do uso do cinto de segurança; figuras A, B e C.



a) Em caso de impacto, o carro começa a diminuir a velocidade, mas o motorista continua impulsionado para a frente na velocidade anterior. Em um décimo de segundo, o carro pára, mas o motorista ainda se move para a frente;

b) 1/50 de segundo após a para-

da do carro, o motorista que não está com o cinto de segurança bate no painel de instrumentos e no vidro da frente do carro;

c) Usando apropriadamente o cinto, o motorista é protegido de qualquer batida contra o interior do veículo.

O PRÓXIMO ESCORT — Um conversível. A Ford já está pensando em ampliar a linha Escort — após o lançamento do XR-3. Existem vários projetos para a família Escort em estudos e, os mais viáveis são: uma perua e uma versão conversível. Esse carro, na verdade, não será nenhuma novidade, pois ele existe no mercado europeu — é fabricado na Alemanha —, e a Ford utilizará o mesmo projeto aqui no Brasil, utilizando a mesma plataforma do XR-3.

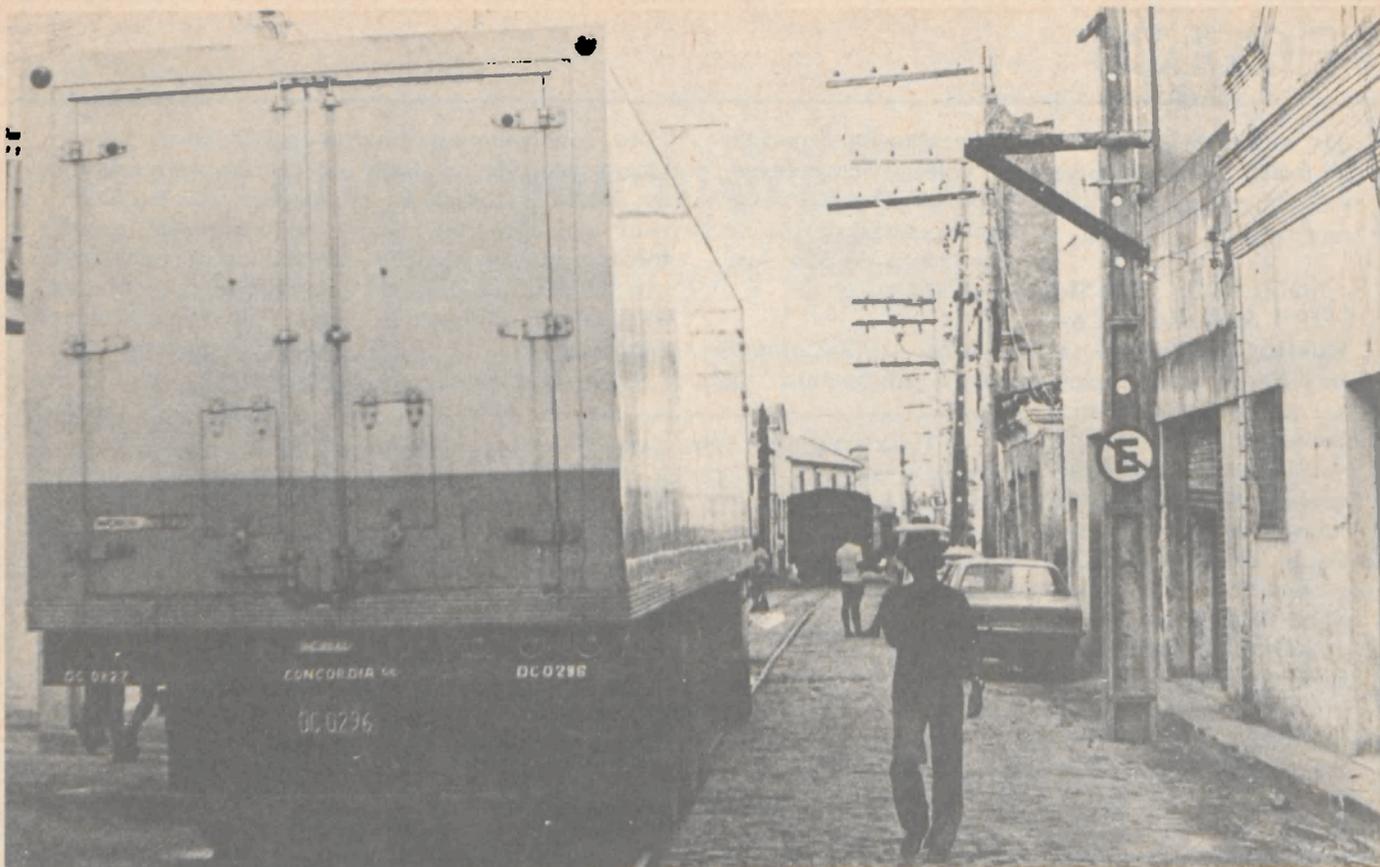
FORD E GRANORTE PROMOVEM CAMPANHA: SINTA O ESCORT

— Visando proporcionar ao cliente em potencial uma oportunidade de optar com conhecimento de causa, a Ford Brasil S/A e a Granorte Veículos estão colocando à disposição dos clientes e do público em geral, um automóvel ESCORT, modelo GL. Qualquer pessoa, desde que habilitada, poderá se dirigir à Granorte e se candidatar a ficar, durante 12 horas, com o automóvel acima mencionado em demonstração. É um plano avançado e de grande alcance.

TECNOLOGIA DE PONTA NO CONTINENTAL MARK VII 1984 —

O Lincoln Continental Mark VII é o mais aerodinâmico e luxuoso modelo de série produzido pela Ford nos EEUU. É o primeiro a utilizar um exclusivo sistema de suspensão a ar, controlado eletronicamente e também o primeiro a apresentar o conjunto dianteiro de iluminação totalmente integrado com a superfície da carroceria, permitindo um fluxo ininterrupto do ar sobre o veículo e otimizando a penetração aerodinâmica em baixas e altas velocidades.

FERNANDO SIQUEIRA



Espectáculo triste de um aglomerado urbano que já teve sua época

CIDADE

Ribeira: a decadência é mesmo irremediável

Aparentemente irremediável, o caso da Ribeira. Depois de ter sido o centro da cidade, reunindo o volume mais expressivo do seu comércio, e com um intenso movimento noturno, ruidosos bares, luxuosas casas de espetáculo, como é o caso do Teatro Alberto Maranhão, hotéis de primeira categoria e feéricos bordéis, atraindo verdadeiras multidões de consumidores, principalmente no período da Segunda Grande Guerra, eis que entrou num processo de declínio tão acentuado, que preocupa, hoje, seriamente, os remanescentes dessa época áurea. Mas, eles resistem, apesar de tudo.

Por assistir ao fechamento paulatino de suas casas de comércio, e constatar a bastardização do seu movimento noturno, com a conseqüente promiscuidade entre os habitantes do **bas-fond** em que se transformou sua noite, a Associação Comercial, que se localiza num vistoso prédio da Av. Duque de Caxias, desfechou, em meados do ano passado, uma campanha

publicitária, através de jornais, a fim de ressuscitar o bairro, que hospeda, hoje, um bom número de casas bancárias, entre elas a sede do Banco do Estado do Rio Grande do Norte (Bandern), além de representantes da ponta de lança da economia do Estado — as empresas de construção civil. A campanha, que deveria ser veiculada através de jornais, rádio e televisão, alcançou apenas os primeiros, pois os recursos foram insuficientes. Dos 300 estabelecimentos vinculados à Associação Comercial, apenas 21 cooperaram.

LÁZARO DIFÍCIL — E é com desgosto que o Presidente da Associação Comercial, Airton Costa, ouve algumas vozes de comerciantes mais antigos que garantem: “Esse Lázaro está difícil de acordar...”. Na Av. Dr. Barata, onde Airton Costa dirige uma empresa de material de escritório, comerciantes mais descrentes lamentam que o sangue da velha Ribeira parece vir sofrendo, aos poucos, de

uma leucemia, a exemplo do que aconteceu na maioria de suas artérias. O grande número de estabelecimentos fechados nas suas principais avenidas talvez demorem a voltar a funcionar depois do recente e escorchante aumento do IPTU, decretado pela Prefeitura.

O próprio «majó» Theodorico Bezerra, proprietário do Grande Hotel, do alto de seus 56 anos de experiência como hoteleiro no bairro, dirigindo, agora, aquele que foi o templo do prazer, tendo hospedado estrelas do cinema internacional, como Rita Hayorth e Tyrone Power, por exemplo, balança a cabeça, com desesperança, e sentencia: “A Ribeira acabou. Não aconselho a ninguém montar um hotel por aqui, pois a Ribeira teve o seu tempo e a sua época. No período da Guerra, aportavam navios no Porto, que era o principal, por sua posição estratégica, sendo próximo da África e da Europa. Até cassino eu montei; foi quando eu me fiz. Hoje o comércio mais movimentado é o do Alecrim. Isto aqui morreu”.

DESCASO DO GOVERNO, CRISE ECONÔMICA... — Embora as opiniões se dividam a respeito do futuro do bairro, elas convergem para um ponto em comum: o mau trato das ruas e avenidas, a desativação da Ro-

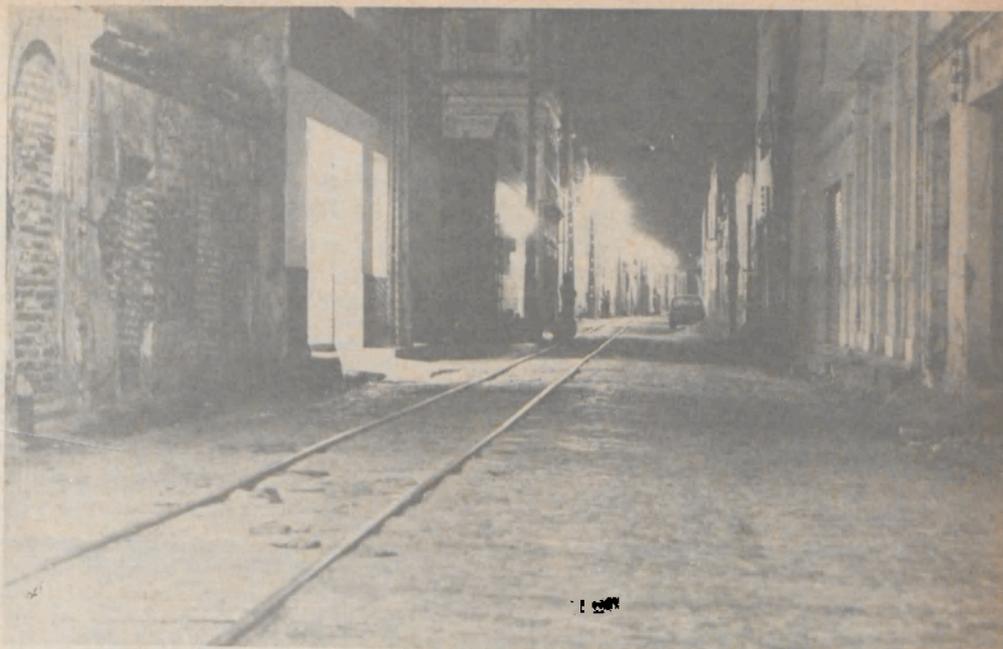
doviária e o pouco movimento no Porto. As palavras de Theodorico, que foi Deputado Estadual e Federal durante 32 anos e Presidente do Diretório Regional do Partido Social Democrático (PSD) durante 18 anos, até 1964, se baseiam num dado concreto, que ele saca, de repente, e o expõe com desânimo: na última semana de dezembro, mês de festas natalinas e veraneio, quando a cidade recebe um bom volume de turistas, dos 75 apartamentos do Grande Hotel, que ele dirige há 43 anos, apenas 11 estavam ocupados...

Para o maior número de empresários e comerciantes ouvidos, no entanto, o problema da morte lenta do bairro não se encontra nele, mesmo, mas na crise econômica que o País atravessa.

“Temos que ver a economia como um todo: se houver um bom desempenho, toda a iniciativa privada se beneficia, esteja ela localizada em qualquer parte da cidade”, esgrima Airton Costa, mentor da campanha publicitária «O Que é que a Ribeira Tem».

“Nossa visão é positiva, mas com os pés no chão, pois precisamos ver que a economia funciona como um todo”, complementa Fernando Bezerra, Diretor-Presidente da firma construtora Ecocil, localizada na Tavares de Lira, e também Presidente da Federação das Indústrias do Estado (Fiern). Essas opiniões são também partilhadas pelo Diretor-Presidente da Galvão Mesquita, Paula Vasconcelos de Paula, à frente de uma das empresas mais antigas no setor de feragens, ferramentas, ferro, material elétrico e de construção. “Devemos ter cuidado ao analisar a campanha publicitária, em termos de seus efeitos. Devemos ter um sentimento de realidade, mas acreditamos que 1984 será melhor do que 1983. Agora, estamos sabendo melhor as regras do jogo político-econômico. Todo setor que comercializa neste ramo tem crescido abaixo da inflação. Acredito que a campanha tenha trazido algum benefício; tem muita gente falando... Não podemos medir em números, pois há outros fatores da economia a serem levados em conta e, no nosso caso, fica difícil. Só posso dizer que estamos estabelecidos aqui há 53 anos e, das nossas sete lojas, esta é a que melhor vende”.

REIVINDICAÇÕES A NÍVEL MUNICIPAL — “Todo o comércio está sujeito à conjuntura econômica e es-



A Ribeira sombria



A Ribeira da lama



A Ribeira das escadas

tamos com cinco anos de seca, que nos prejudicou a todos”, lamenta estoicamente o Diretor da Lemos Teixeira e Cia. Ltda. — material de construção, ferragens e tintas —, Álvaro Braz d’Araújo Lima, mais conhecido como Limarujo. Com 41 anos no ramo, e sempre no bairro, ele toca na fratura exposta que o bairro apresenta e onde todos querem cascavilhar: a ausência de um tratamento melhor por parte do poder municipal, do Estado e até do Ministério dos Transportes, que possui projetos de ampliação do Porto.

Reconhece o bem que a reconstrução das galerias pluviais trouxe, extirpando um tumor de que o bairro

padecia há décadas: o alagamento de suas principais artérias, que dificultava o tráfego e afastava a população consumidora, e se ressentia do não acabamento das obras.

«DAQUI NÃO SE LEVA O PÃO PARA CASA» — “A Prefeitura precisa fazer o alinhamento das calçadas, o asfaltamento das ruas, pois por aqui quase não passa automóveis”, cobra, desvanecido, o chileno Antônio Lamas, 68 anos, diretor de uma loja de miudezas na Rua Dr. Barata e trabalhando ali desde criança, pois foi para a Ribeira, com o pai, aos 8 anos. “Acredito que a Ribeira teve uma tendência desfavorável so-



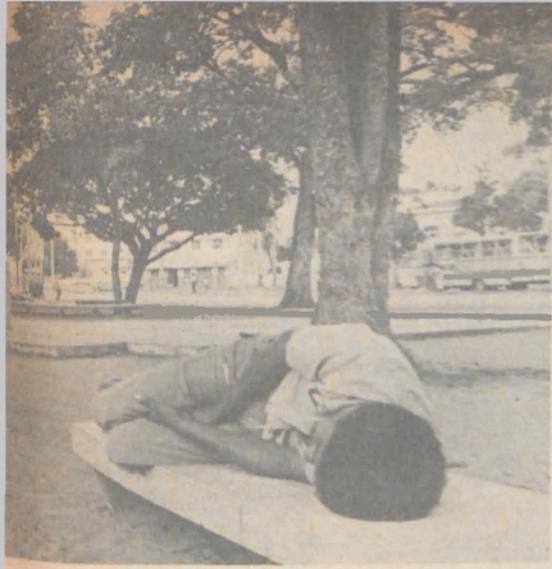
Aspecto de um bairro triste

Uma saudação de quem viveu os bons tempos de um bairro alegre

Eu te saúdo, Ribeira amiga! Terra de «canguleiros» entre os quais se destaca Câmara Cascudo, — honra e glória de nossa cultura, — que ali nasceu na Rua das Virgens, hoje com o seu nome. Ribeira, centro comercial, político e até mesmo social dos idos de 1940. O desfile na Rua Dr. Barata das senhoras e senhoritas de nossa melhor sociedade, que residiam na Cidade Alta ou nos distantes Tirol e Petrópolis. Como era «chic» tomar o bonde ali no Café de «Seu» Andrade, o tradicional «Café Grande Ponto», hoje hoje situa-se o Banco do Estado de Minas Gerais, descer pela Junqueira Aires passando em frente a algazarra dos alunos do velho Atheneu (hoje Secretaria de Finanças da Prefeitura), saltar no Taboleiro da Baiana (Rodoviária Velha) e ingressar no mundo elegante das novidades que as lojas da Dr. Barata ofereciam, em cujas fachadas liam-se nomes como «Paris em Natal», «Natal Modelo», «Lojas Paulistas», «A Predileta» e, logo no início, a «Nova Aurora», em cujo interior um bonde descarrilhado veio

a entrar. Percorrer toda a principal rua de nosso comércio daquela época, onde existia a Caixa Rural, carinhosamente chamada a «Caixa do Professor Ulisses», mais tarde transformada em Cooperativa Central de Crédito Norte-riograndense Ltda., funcionando onde estão hoje as instalações da Livraria Clima — a grande pioneira de financiamentos imobiliários em nossa Capital. «Dr. Barata», de comerciantes famosos como os Medeiros, os Lamas, Abraão Tahim, Amaro Mesquita, Vicente Mesquita, Júlio César de Andrade, Tácito Brandão e muitos outros que nos fogem à memória; «Dr. Barata» do Foto Elite de João Alves de Melo, que fotografou o mundo natalense, suas festas, seus grandes visitantes, suas ruas e praças e cujo magnífico acervo desconhecemos onde está, certos de que esteja com quem estiver deveria ser adquirido por algum dos órgãos de cultura de nosso Estado; Dr. Barata, das Livrarias «Ismael Pereira» e «Cosmopolita» de Fortunato Aranha, onde compramos um Dicionário de Jaime e Seguíer por

sessenta mil réis em três prestações de 20! E ao sair da «Dr. Barata» deparar-se logo na esquina da Frei Miguelinho com a «Tavares de Lira» com as «Lojas 4.400» (hoje Lojas Brasileiras), destruída por um violento incêndio. «Tavares de Lira», uma pequena Avenida que morria em um muro ao lado da Igreja de Bom Jesus; «Tavares de Lira» de tradições mil: desfiles carnavalescos, comícios políticos, tiroteios e mortes com o seu famoso «Café Cova da Onça», com umas trinta mesas ocupadas por políticos em discussões infundáveis, ou desocupados falando do último ABC x América e que, de vez em quando, pediam uma rodada de café pequeno... e cujo fechamento após várias tentativas para mantê-lo vivo, de outros tantos proprietários, criou para o natalense, especialmente para o frequentador da Ribeira, um gostoso provérbio — conversa foi quem fechou o «Cova da Onça»; «Tavares de Lira» da «Agência Pernambucana» de Luiz Romão, com o seu Serviço de Auto-falantes que se estendia por Tirol, Petrópolis, Rocas, Cidade Alta e Alecrim, marco singelo de nossa radiofonia que inestimáveis serviços veio prestar à população pobre que não possuía rádios, transmitindo os noticiários da 2.ª Grande Guerra irradiados pela BBC de Londres. «Tavares de Lira» do velho «Diário de Natal», de Ruy Paiva e Djalma Maranhão, onde demos os nossos primeiros passos no jornalismo; «Tavares de Lira» da Sorveteria Eldorado (atualmente Departamento Indus-



bretudo por causa das enchentes e, com a cidade crescendo, isto ajudou ainda mais para seu esvaziamento. Mas, acredito que, com a ajuda da Prefeitura e um somatório de ajudas de empresas, todo o comércio pode reagir. Não se trata de um fato isolado. O movimento caiu em 45% depois da saída da Rodoviária; o pessoal do interior não vem mais. Por outro lado, aqui não temos caixa de correios, orelhão, calçadão, asfaltamento. Está faltando uma camisaria, sapataria, padaria, sorveteria, restaurantes. Só tem casas de ferragens e a venda de tickets, no Sindicato dos Transportes Rodoviários. Não podemos levar, daqui, um pão para casa. Veja que, do

lado ímpar, oito lojas estão fechadas e, na Tavares de Lira, todo o lado direito encontra-se com as portas cerradas''.

Na verdade, o que Antônio Lamas acredita ser um ponto negativo, para Fernando Bezerra trata-se de um possível atrativo para o setor, caso o preço dos imóveis fechados na Tavares de Lira tivesse custos mais baixos. "O Governo fez muita coisa, mas falta um acabamento, e deveria ser estimulada a recuperação dos prédios, com a isenção do IPTU, por exemplo. Para a atração do consumidor, primeiro deveriam ser otimizados os espaços, com estacionamento, que poderiam ser rotativos. E,

trial do Bandern) de propriedade do sr. Jessé Freire que, pessoalmente, muitas vezes vimos atendendo a clientes e que se tornou Senador da República. «Tavares de Lira, sede do ainda existente «Clube Carneirinho de Ouro», só para homens, espécie do Clube do Bolinha que caminha célere para seu cinquentenário. Ribeira, residência de grandes famílias natalenses: os Garcia, os Lamas, os Rocha, os Letieri, os Cicco, os Aranha, todas elas frequentadoras do longínquo Aero Clube. Ribeira de onde partia na Semana Santa a tradicional Procissão do Encontro, saindo da Igreja do Bom Jesus e cujo primeiro passo (reprodução da Via Sacra) era na frente da residência do Dr. José Alexandre de Amorim Garcia, hoje vendida, ao que nos parece, à COHAB. Ribeira do «Grande Hotel», o melhor e mais luxuoso da cidade, que hospedou o mundo político, artístico e social que por Natal passou naquela época. Ribeira do «Hotel Avenida», mais popular, ali no começo da Avenida Sachet, atual Duque de Caxias, preferido por pequenos comerciantes do interior que vinham fazer compras na Capital ou pelos caixeiros viajantes (hoje vendedores-pracistas); Ribeira do Teatro Carlos Gomes, obra que por si só eterniza o nome que hoje possui, Alberto Maranhão, o Grande Mecenas da inteligência potiguar; Ribeira da Escola Doméstica, o sonho transformado em realidade de Henrique Castriciano (sede do INAMPS); Ribeira do Grupo Escolar Augusto Severo (na

praça do mesmo nome), onde abandonada existe uma das mais belas estátuas da cidade e que foi um dos «mais aprazíveis recantos» de nossa querida Natal, ameaçada nos dias atuais de transformar-se em uma favela em plena cidade. Ribeira do Cais do Porto, da Alfândega, dos Correios, da Delegacia Fiscal, do Edifício Fernando Costa (Ministério da Agricultura) nosso primeiro «arranha-céu», cuja inauguração causou sucesso com seus 4 andares! E a Ribeira boêmia? Dezenas de bares, de restaurantes pequenos alguns (tipo «china»), outros luxuosos e confortáveis feitos especialmente para os «americanos» na época da Guerra. E o mundo da prostituição com alegres «pensões» que marcaram época: Wonder Bar, Estrela «Sibá», sem esquecer a Rua 15 de Novembro, o «baixo-meretrício» da cidade, todas elas abrigando, pasmem os leitores, um contingente superior a quinhentas inquilinas devidamente cadastradas pelo conhecido e respeitado policial encarregado do setor, nosso amigo João Cícero. Ribeira do Cais da Tavares de Lira, com os alegres embarques dominicais em botes e lanchas em demanda às belas praias da Redinha e Genipabu. Ribeira da Rua do Comércio (Rua Chile) com seu comércio grossista, as grandes firmas algodoeiras, Wharton Pedroza, Dinarte Mariz, Fernandes & Cia, caminho das refolegantes «Maria Fumaça» da Estrada de Ferro Central (Sampaio Correia) em busca de suas oficinas lá nos descampados da Silva Jardim; da

«Casa Machado», o maior e melhor empório de comestíveis da Capital, sede também dos dois únicos clubes náuticos daqueles dias, o Sport Clube de Natal e o Centro Náutico Potengi, que ainda hoje existem e lutam com imensas dificuldades para sobreviver. Como eram belas as manhãs ou tardes em que Centro e Náutico disputavam uma regata nas águas do «Potengi amado», com as alunas da Escola Doméstica comparecendo incorporadas para torcer pelas «guarnições» de suas simpatias.

E VEIO A GUERRA... Bruscamente, como num passe de mágica, a placidez daqueles dias simples e rotineiros foi transformada pela 2.^a Grande Guerra. Natal, sede de Parnamirim, Trampolim da Vitória, com centenas de aviões pousando ou decolando diariamente e a velha Ribeira recebendo cada fim-de-semana um contingente de «my friends» ávidos de lazer, de bebidas, de danças, de «pequenas» que eles pitorescamente chamavam de «senoritas». Ah, isto é outra história que um dia ainda contaremos.

Sim, Ribeira amiga, eu te saúdo. Você nunca morrerá. Será sempre o marco do desenvolvimento de nossa bela Capital e viverá na memória daqueles que, como nós, conhecemos e palmilhamos todas as suas ruas, becos e vielas e por décadas e mais décadas lhe frequentamos diariamente.

MUSSOLINI FERNANDES



O bairro que já foi centro da cidade...

aí, as pessoas saberiam onde colocar o carro. Temos uma visão positiva, mas não tiramos os pés do chão. Estamos tendo mais cuidado, atualmente, empinando menos dinheiro em estoque”, explicou.

O patrimônio deteriorado do bairro é alvo de constantes reclamações. Está sendo solicitada com urgência a reurbanização da Praça Augusto Severo, com a retirada dos barraqueiros e instalação de lanchonetes mais aprazíveis, assim como melhoramento do sistema viário, cujo projeto encontra-se em discussão entre a Prefeitura, Detran, Geipot, Getu (Grupo de Estudos de Transportes Urbanos) e Secretaria Municipal de Planejamento. Reclamam, ainda, a conclusão da parte das galerias da General Glicério, que devem ser ligadas ao canal das Rocas.

Da parte da Prefeitura, existe apenas um projeto, já em execução, segundo informou o Diretor do Getu, Carlos Batinga, para uma «arrumação» da velha Rodoviária. Com recursos de Cr\$ 30 milhões, oriundos da Empresa Brasileira de Transportes Urbanos — EBTU —, a Rodoviária terá recuperados seus sanitários e ali será instalado um box para informações e reclamações de usuários, informou Batinga, esclarecendo que os boxes existentes são de particulares.

“Faremos uma adaptação com o tráfego proveniente das Rocas e a Avenida do Contorno”, disse. Batinga salientou a importância da Rodoviária como fator de integração ônibus-trem e adiantou a próxima im-



plantação de uma linha de trem Eduardo Gomes-Natal, que deverá aumentar o movimento na Estação Ferroviária, atualmente operando apenas com as linhas de Ceará-Mirim e Extremoz. Hoje, a Rodoviária recebe, além de 10 linhas urbanas, ônibus de Eduardo Gomes e Extremoz.

Quanto à recuperação da Praça Augusto Severo, os projetos estão de posse da Sumov, que deverá fazer a licitação das obras, depois de finalizar seu orçamento. A Sumov recebeu os projetos da Secretaria de Planejamento, através da Secretaria Especial, no final de janeiro.

“Nós fizemos a parte física de restauração da praça”, afirma o arquiteto e urbanista Moacir Gomes, um dos responsáveis pelo delineamento do



...e hoje purga um processo de deterioração

atual Plano Diretor da Cidade, aprovado pela Câmara Municipal no final do ano passado. "No Plano Diretor, fizemos projetos do uso do solo para a Ribeira, estabelecendo áreas para comércio varejista e atacadista, e também para uso residencial, pois o bairro não pode ficar deserto".

NA GUERRA, A PROSTITUIÇÃO LEGALIZADA — Agora, fora a Dr. Barata, que sai da Tavares de Lira, coração da Ribeira, e que desemboca na Praça Augusto Severo, o comércio que mais floresceu na área, mas que hoje também se encontra em decadência, foi o da prostituição, que alcançou seu apogeu na Segunda Grande Guerra. Segundo revela Mussolini Fernandes, um dos mais antigos jornalistas do Estado, e ainda hoje militando na imprensa, dirigindo o setor de pesquisa da «Tribuna do Norte», "a prostituição foi tal que só faltou ser legalizada pelo Ministério da Justiça". "Com os americanos na cidade, houve uma inflação natural; o dólar era (?) o dinheiro forte. Valia vinte mil réis. Entre os diversos bares frequentados por nós, intelectuais, jornalistas, boêmios, havia o Bar Getúlio Vargas, onde também ia o povão, o Bar Nacional, na Frei Miguelinho, e o WonderBar, onde funcionou «A República» e que, mais tarde, sediou o primeiro Governo Republicano. A Ribeira sempre foi o centro da prostituição. Ela quase foi oficializada pelos americanos, que chegaram a cadastrar as mulheres, para evitar o contágio de doenças", disse.

Concorrida, atualmente, é uma rua do bairro, suja e denegrada, onde o ti-

po de atividades envolve tudo que são negociatas: a Ferreira Chaves. Ali, um interminável fluxo de camburões da Polícia, ocupados por trabalhadores sem serviço, prostitutas, rufiões, malandros e toda a sorte de marginalizados, fora a tripulação dos mesmos, dão uma intensa vida ao setor, principalmente nas imediações da Delegacia de Roubos e Furtos.

Em meio ao vendaval de opiniões, acerca do soerguimento do comércio na área mais tradicional da cidade, a visão do livreiro e editor Carlos Lima, Diretor da Livraria Clima, que tem agitado a vida cultural da cidade e do Estado, já tendo editado 26 autores norte-riograndenses, dá um toque de otimismo ao tema.

Atarefado no seu escritório da Rua Dr. Barata, ruminando idéias e cifras, ele afirma que a Ribeira já teve momentos de decadência, mas que, "depois dos serviços de drenagem, ela voltou aos seus grandes dias... Basta dizer — revela — que há cinco anos uma pesquisa revelou que existiam 57 prédios de casas comerciais fechados e que ninguém queria nem de graça. Hoje, não existe praticamente nenhum prédio disponível. E a procura é grande. O bairro é, também, o mais poético da cidade, não pára. Na hora em que o comércio fecha suas portas, uma nova vida começa. Os boêmios, as mulheres alegres invadem as ruas e os bares, até o raiar do sol. Temos o caos da Tavares de Lira, onde se assiste o mais belo pôr do sol sobre o Potengi. Unfim, como diz o slogan da campanha publicitária: «A Ribeira Tem Tudo»... □



Prostituição e decadência

PEÇAS PARA VOLKSWAGEN E FIAT



CASA DO VOLKS



É necessário manter seu patrimônio em dia.

A época é de crise.

E se você possui Volkswagen ou Fiat, não se esqueça que a Casa do Volks tem todo tipo de peça e acessórios para esses carros, inclusive tintas automotivas. A Casa do Volks vende a preços, realmente, sem competidor. Um amplo estacionamento coberto e um dos melhores atendimentos da cidade são bons motivos para você comprar na Casa do Volks. Seu carro estará mais protegido e você, naturalmente, mais satisfeito. Afinal, manter um patrimônio não é fácil.

'GURGEL & OLIVEIRA'

Comércio e
Representações Ltda.

Av. Prudente de Moraes, 1804
Tel.: 223-2488

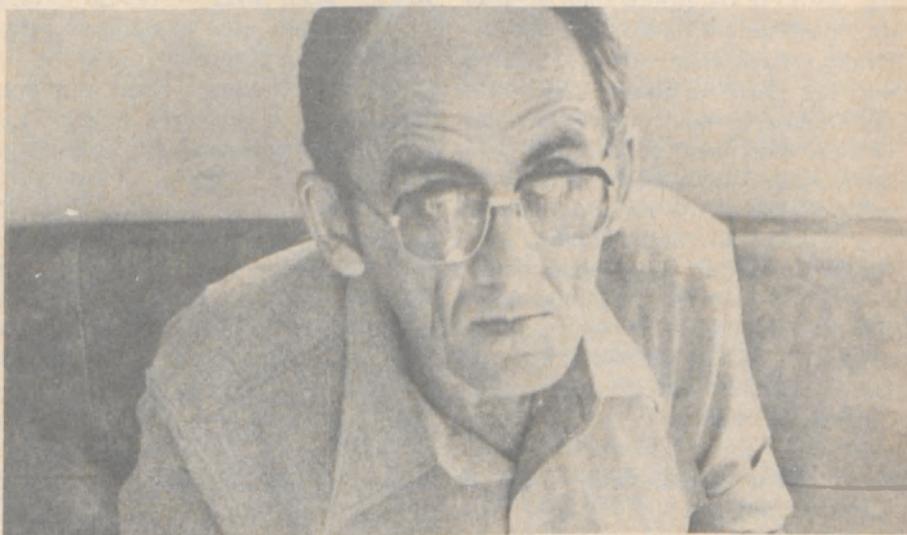
Um livro singular para quem não esquece religião

“A segunda maior devoção da cristandade católica é em louvor à Nossa Senhora, Mãe de Jesus. A primeira maior devoção é para o seu Filho, o Cristo”. A afirmação é do teólogo autodidata católico Inácio Magalhães de Sena, 45 anos, natural de Ceará-Mirim, residente na Cidade da Esperança, a propósito de um «Pequeno Dicionário dos Preciosos Nomes da Mãe de Deus — Cultos e Devoções», de sua autoria. O livro, que vem sendo preparado há cerca de 14 anos, já reúne aproximadamente 1.800 verbetes. Um trabalho resultado de paciente pesquisa bibliográfica, iconográfica e de muitas viagens — que Inácio vem fazendo desde 1950 — por cidades e capitais de todos os Estados do Brasil, estendendo-se por cidades e capitais de países católicos como Argentina, Uruguai, Bolívia, Paraguai; E Portugal, Espanha, França, Itália, onde conheceu suas principais Igrejas e de onde recolheu muitas informações para o Dicionário.

Apesar de ainda não se ter uma data para publicação, e de nenhum editor ter sido ainda contactado, quando estiver publicado certamente será a primeira investida, no gênero, abrangendo invocações da Virgem Maria no Brasil, quanto de outros países católicos. Inácio diz que, até agora, só conhece um livro que trata do assunto: «107 Invocações da Virgem Maria no Brasil», de autoria de Nilza Botelho Negalle, editado pela Editora Vozes, do Rio de Janeiro. Apesar de considerar que, para uma certa faixa do público, “o assunto está fora de moda”, ele adianta que publicaria “por quem se atrevesse a publicar”. Diz ainda, um tanto modesto, que o estudo não pretende ser profundo, apenas interessante. Acrescenta, com reverência, que “é um tributo filial à Nossa Senhora”. Pois, comenta ele, nenhuma religião pode dispensar o papel feminino. E completa o seu raciocínio: “Na Índia, todos os deuses têm sua energia feminina. O teólogo Leonardo Boff diz que Nossa Senhora é o rosto maternal de Deus. Pode se acrescentar também que Ela é o

ápice da criação e «cheia de graças», como lhe disse o Anjo Gabriel”.

PRECIOSOS NOMES — Entre as centenas de invocações da Virgem Maria que Inácio já conseguiu reunir, figuram algumas que sobressaem pela sua beleza poética, como a de «Nossa Senhora da Alegria» que, na imagem formada pelo povo, aparece tocando violão. É cultuada em Aveiros, Portugal, desde o século XVI. “É claro que Nossa Senhora nunca tocou violão”, diz Inácio, sempre bem humorado. “Essa atribuição foi criada



Dom Inácio: segunda devoção

pela imaginação popular”, explica ele, que utiliza uma frase da lavra do guru indiano Rajneesh, de quem também é leitor, para completar seu comentário: “Essa imagem é um convite à celebração da vida”. Uma outra invocação, que por sinal tem muito a ver com Inácio, intelectual e um dos mais assíduos fregueses das livrarias da cidade, é o de Nossa Senhora do Livro, criada e imortalizada em quadro pelo pintor Botticelli. Este quadro está no Museu Poldi Pezzoli, em Milão. Ainda outro nome curioso é o de Nossa Senhora do Sete, cuja devoção é — ou era, ele não sabe o certo — cultuada em Salvador, Bahia. Esse nome se deve aos estudantes que iam pedir à Nossa Senhora a nota sete, o

mínimo para passar de ano. Há também uma Nossa Senhora dos Operários na Igreja de Salônica, na Turquia e uma Nossa Senhora dos Trabalhadores, em São Paulo.

Ainda segundo Inácio, Nossa Senhora é padroeira de cerca de 60 por cento — “talvez até mais”, ressalta ele — das paróquias de todo Brasil. Ele calcula que existam cerca de oito mil paróquias espalhadas por todos os municípios do País. É Padroeira de quase todas as Catedrais da França, Itália, Espanha e Portugal. Para o povo brasileiro, especialmente o nordestino a que mais comove é Nossa Senhora como intercessora, sofredora. Daí, por exemplo, que o maior culto mariano, no Nordeste, é à Nossa Senhora das Dores, Padroeira de Juazeiro do Norte. A mais conhecida é Nossa Senhora da Conceição, Padroeira do Brasil. “Teve sua «conceição» (concepção) imaculada. Isto é, sem pecado. O Papa Pio IX proclamou o dogma em 1854. No Brasil,

centenas de paróquias são dedicadas à sua devoção. Foi espalhada principalmente pelos Franciscanos”. Ainda segundo Inácio, no 3.º Concílio Geral de Éfeso foi legitimado para Nossa Senhora o título de «Mãe de Deus», no ano de 431, contra a doutrina herética de Nestório (nestorianismo) e instituída a reza «Santa Maria» que completa a «Ave Maria». É a partir dessa data que começa a surgir na Arte, Nossa Senhora com o menino. Ele lembra ainda que alguns desses nomes, ou invocações, ainda não foram reconhecidos pela Igreja.

CATOLICISMO — Inácio Magalhães, ou como é carinhosamente conhecido nos meios intelectuais da

cidade, Dom Inácio, é bastante devoto mas não se considera carola ou beato. Figuras a quem ele tem aversão, pois ao contrário deles, Inácio vê a religião uma maneira de celebrar a vida. "A morte deve ser vista como uma passagem tranquila para a vida eterna, sem morbidez". Apesar de não se considerar carola, ele vai dominicalmente à Igreja. Mas, pelo menos na roda de amigos, Inácio é visto como uma pessoa de notável vocação sacerdotal — e ele mesmo reconhece isso — mas que não conseguiu concretizá-la. "Em parte por falta de condições econômicas, e também por um certo sentimento anárquico meu". Isso o deixou «um pouco frustrado», mas não ao ponto de torná-lo uma pessoa ranzinza, acabrunhada. Pelo contrário, é uma pessoa de excelente bom humor. Que conversa sobre assuntos os mais variados, desde filmes do ateu Buñuel, e outros, até os últimos lançamentos literá-

rios, como um «Nome da Rosa» de Umberto Eco. "Um livro que muita gente comprou, mas nem todos vão ter condições de ir até o fim da leitura, pois é cheio de citações eruditíssimas. Não é um best-seller, qualquer".

Quanto ao seu Dicionário, Inácio afirma que já há material para publicar. Acrescenta ainda que faria doação dos direitos autorais numa modesta contribuição à nova Catedral. "Quero que Nossa Senhora seja honrada, amada e cantada em prosa e verso por santos e pecadores, bispos e prostitutas". Acrescenta também que, como não tem condições de pagar a uma equipe de colaboradores, aceitaria a colaboração de quantos se dispusessem a opinar, ajudar na correção, bater os originais à máquina de escrever. "Até agora tem sido um trabalho artesanal, de um autodidata", ressalta. □

Segundo Ezequiel Ferreira de Souza, Gerente de Vendas da Pepsi em Natal, o concorrente (Coca-Cola) ficou com um produto de péssima qualidade, além de ter passado alguns meses fechado. O produto concorrente aqui consumido, informou, vinha de outros Estados.

Além da qualidade da Pepsi aqui produzida — comprovada por prêmios concedidos pela Pepsi Internacional de 80 a 82, International Award for Quality Excellence, Ezequiel argumenta que já é hábito o consumo de refrigerantes de um maneira geral, "apesar da seca do Nordeste e da crise, o volume aumentou, não só em relação a outros produtos concorrentes". A Pepsi também expandiu suas vendas a quase todo Estado, introduzindo 18 mil caixas novas na Região Oeste (abriu um depósito em Mossoró e outro em Pau dos Ferros), adquirindo mais 9 caminhões para facilitar a distribuição e incrementando o seu setor de marketing.

A venda da Pepsi no ano de 83 aumentou 41%, mas Ezequiel Ferreira não adiantou o que esse percentual significa em termos quantitativos, "por questões de concorrência". Ele afirmou, porém, que a capacidade da Pepsi em Natal é para 300 mil caixas por mês, gerando 152 empregos diretos. Nos próximos dias será lançado o refrigerante «Teem», à base de lima e limão, "o grande concorrente do Seven Up dos Estados Unidos", e até julho será lançado também o guaraná da Pepsi, mas ainda não tem nome, frisou o gerente de vendas.

Ezequiel Ferreira informou ainda sobre o investimento que está sendo feito no setor de marketing e exemplificou a promoção Pepsi-Prêmio, em que o consumidor, juntando dez tampinhas da garrafa, poderá trocá-las por brindes como copos, chaveiros, isqueiro, lápis e viseira, com o logotipo da Pepsi. Para este ano de 84, a Pepsi pretende cobrir "todas as áreas brancas do Estado" — os municípios que ainda não foram atingidos. Segundo ele, aproximadamente 30 municípios ainda estão sem o produto.

Enquanto isso, a fábrica reafirma o propósito de continuar investindo na qualidade do produto e Ezequiel diz que já está sabendo que a fábrica do Estado irá ser premiada novamente (o julgamento será em março) com o «Prêmio de Qualidade» "e eu acredito que umas seis fábricas do Brasil receberá o mesmo prêmio". □



Ezequiel recebe o troféu...

EMPRESA

Pepsi marca sucesso de vendas e de qualidade

Menos pela sede da população e mais pela queda da qualidade do produto concorrente, a fábrica da Pepsi-Cola no Rio Grande do Norte foi classificada em segundo lugar em venda no País, no ano de 83 (em relação ao ano de 82). A primeira classificação ficou com o Estado do Ceará, também um Estado nordestino.



... mais um triunfo como empresário

André Breton anotava, premonitivamente, em **Les Vases Communicants**: "O poeta do futuro superará a deprimente idéia do divórcio entre ação e sonho". Sua reflexão misteriosamente coincidindo, por afinidade, com a opinião do nosso Mário de Andrade que, dirimindo a questão totalmente acadêmica acerca do que seria, afinal, um conto, confirmou com uma frase genial a intercomunicabilidade existente entre os demais gêneros literários. Conto, por exemplo, seria qualquer coisa que o seu autor chamasse de conto. Uma verdade que é, sem maiores delongas, exatamente o oposto de uma **boutade**.

Assim, tenho para mim que não seria nada relevante discutir a precisão do vocábulo romance aplicado ao novo livro de Nilson Patriota, admirável biógrafo de um certo Ferreira Itajubá, das personalidades mais vivas da poesia e da vida norte-riograndenses, que jazia há muito esquecido sob o pó de tanta indiferença. Indiferença, de resto, tipicamente potiguar por tudo aquilo que diz respeito a vida do espírito humano.

Mas, contemporâneos de uma sociedade massificadora que ama acima de todas as coisas a unanimidade; uma sociedade que treme diante da singularidade — mesmo as mais criativas —, acabamos todos incorrendo numa outra espécie de nazi-fascismo na medida em que, por covardia ou alienação, contribuimos para a estabilidade do convencional e do estereótipo. Unanimidade,

fruto malsão do rebaixamento moral e intelectual do homem dos nossos dias, que gera o rótulo, o arrumadinho, o inofensivo cheio de **glamour** e que, sub-repticiamente, de forma indolor, vai anestesiando homens e mulheres, mulheres e homens, na sua capacidade de pensar com a própria cabeça.



Nilson Patriota

Romance? Mas não no sentido acadêmico do termo. Romance que, para Henry James, em **The Art of the Novel**, extrapola o conceito mais tradicional e passa a ser, oh delicioso direito intelectual a divergência, a mais independente, a mais elástica, a mais prodigiosa de todas as formas literárias. Isto assim dito por um Henry James, que fulgura entre os maiores estores ingleses deste século manual sem espírito e sem gosto, faz sentido, não é mesmo?

Um Gosto Amargo de Fim tem menos de romance tradicional, de romance metido nos espartilhos da Regra, e

mais de partitura, isto sim; de ópera que se concerta, para a raiva e o desdém dos puristas que não enxergam um palmo adiante do nariz, em desvaído ritmo de **jam session** neo barroco. Nilson Patriota, dotado de um extraordinário sentido musical, improvisa sobre aquilo que me parece ser o **leit-motiv** (tal-

vez fosse mais correto usar aqui o plural...) do seu livro: a solidão humana de Justino Ambrósio Pereira, personagem que é ao mesmo tempo um homem, um visionário — mas um visionário que reunisse em si mesmo algo de Quijote e Sancho Panza —, e um símbolo. Sim, um símbolo dessa solidão quase divina e quase demoníaca que eleger e estigmatiza o homem e que se constitui, por outro lado, num dos temas mais frequentes e apaixonantes da metafísica, do ser e do não-ser hamletiano, sendo tudo o mais decorrente e decorrência...

Nilson Patriota faz e desfaz ao longo de sua

narrativa, uma esplendorosa malha verbal, tecida voluptuosamente com o entremeio de alguns lugares comuns, arrematados sempre pela fantasia mais delirante de que é exemplo o episódio da múmia encontrada no taboleiro inóspito. Há certa magnificência fraseológica no texto de Nilson Patriota que chega a lembrar a luxuosa poesia oriental, riquíssima em metáforas pictóricas.

Muito mais ainda eu teria a dizer sobre esta sinuosa narrativa. Mas, dando por encerrado este prefácio, deixo livre o leitor para que ele, sozinho, descubra que o Amargo pode ser, no mínimo atraente, quando contado com inteligência e criatividade.

INSTANTÂNEOS DA VIDA — Com a publicação de **O Dia em que Tyrone Power Esteve em Natal** (Retour Editora, Rio, 1983) o potiguar Geraldo Edson de Andrade dá prosseguimento ao seu projeto literário voltado para a recriação de uma cidade do Natal provinciana, cristalizada na lembrança do autor, radicado no Rio há mais de trinta anos.

Crítico de arte, animador cultural e ficcionista, Geraldo Edson passou a publicar os seus contos em livros a partir de '79. **O Dia em que Tyrone Power...**, seu terceiro título, precedido de **Dona de Pensão** e **Coração Partido ao Meio**, tem como pedra de toque a visita que o famoso ator, vindo de Hollywood, fez ao Estado à caminho da África, hospedando-se no Cassino da Rampa e constituindo-se num ver-

dadeiro delírio para as suas tientes natalenses.

Geraldo Edson faz uma literatura descomplicada, de uma objetividade que eu diria até jornalística, a coisa valendo pelo que é e não pelo que aparenta ser, o que contribui para uma leitura agradável do primeiro ao último conto.

Filho de um Maupassant, mas de um Mau-pessant filtrado por um Dalton Trevisan, Geraldo Edson traz para a superfície de seus contos personagens que poderemos reconhecer na rua e que se encontram em qualquer esquina do Alecrim ou das Rocas. Salvyano Cavalcanti de Paiva descobriu-lhe um parentesco com Checov, mas eu discordo. Falta, aos contos de Geraldo Edson, a nuance psicológica que sobra num Checov. Para mim, o mais forte em Geraldo Edson é a criação de tipos humanos, de gente simples e vertebrada, apaixonada até, mas sempre esmagada pelo prosaico de pequenos dramas cotidianos. Restaura Geraldo Edson, nestes seus livros, a velha crônica de costumes que, pelo seu engenho literário, vem animada de uma boa dose de burlesco, de humor e de crítica social.

VIAJANDO O BRASIL

— Lançado em fins do ano passado, somente agora chega às livrarias da cidade o mais novo livro da escritora Alcyone Abraão, a irônica autora de **Não Coloque o Macaco Diretamente Sobre o Pavimento**, livro sui generis que, tanto pela novidade do assunto como

pela objetividade do seu enfoque quase jornalístico, se sustenta sozinho.

Ficcionista (**Chevrolet 69** e **Disritmia**), crítica de arte, atuando na imprensa especializada de Goiás e do Rio Grande do Norte, Alcyone não se acomoda diante da vida nem teme desafios. E segue recriando a vida, incessantemente, impri-



Alcyone Abraão

mino a este ato fecundo um sentido de solidariedade humana. Combativa por natureza, lembra aquele tipo de intelectual à Albert Camus que, sem recusar o combate, recusa-se a participar das tropas regulares. Por isso, quando a grita das feministas tupiniquins se fez mais acirrada, preferiu, na companhia de Anselmo Caparica, iniciar nova bandeira de reconhecimento **in loco** de um Brasil pobre e autêntico que jamais será capa de **Manchete**, porque lhe falta glamour para tanto e, mesmo, segundo Joãozinho Trinta, pobre não gosta de miséria; gosta de luxo...

Percorreu assim mi-

lhares de quilômetros de estradas, participando do **modus vivendi** de cada comunidade, vencendo rios e igarapés, atravessando sertões calcinados pela estiagem ou submergidos na lama das enxurradas; defrontando-se com um quadro de miséria e desamparo que nenhuma Empresa Brasileira de Turismo te-

Recusando e optando. Em suma, vivenciando sem preconceitos ideológicos.

Quando passou por Natal, em '78, aqui permanecendo durante um ano, entreabriu uma fresta de lucidez no marasma provinciano. Era natural, portanto, que a sua casa da Rua Apodi, 558, se transformasse em ponto de referência e centro de debate intelectual. Calasans Neto, Siron Franco e Jorge Amado foram alguns de seus amigos que por ali passaram, deixando a marca vívida e inesquecível de suas presenças fertilizadoras. Anti-**poseur**, plena de agilidade mental, sabendo temperar a conversa com salutar ironia, aliás um traço marcante do caráter dessa família Abraão, Alcyone possui ainda a virtude de saber conviver intensa e afetuosamente, aliando a tudo isso a delicada simplicidade de quem nada impõe, que é o segredo essencial de todo espírito, de fato, refinado.

POUSO POÉTICO —

Numa edição conjunta da Clima e Fundação José Augusto, a escritora e poeta Stella Leonardos, do Rio de Janeiro, lançará proximamente um pequeno livro que resultou de sua visita ao Estado. Em **Pouso em Natal**, longo poema, Stella Leonardos revive, poeticamente, pessoas e paisagens da cidade; chama a atenção para a produção intelectual local, num cancionário, no mínimo, singular. Mas cheio de emocionalismo e afeto.

FRANKLIN JORGE

Rearticular governo e economia

GARIBALDI FILHO

Não é necessário indicar, mais uma vez, os dados referentes ao nosso retrocesso econômico e social. Não temos dúvidas de que o Rio Grande do Norte, em termos absolutos, e em termos de confronto com os demais Estados da região, foi o que mais empobreceu nestes cinco anos de seca. Em todos os aspectos. A penúria do nosso povo e a fragilidade do que ainda sobrevive em nossos setores econômicos, abrangendo todas as atividades produtivas no Rio Grande do Norte, tornam lúcida e incontestável uma proposta, uma alternativa de solução, um rumo, uma estratégia: há necessidade de uma urgente rearticulação do Governo do Estado com os diversos setores da nossa economia.

O Rio Grande do Norte é um Estado pobre. Isto é o óbvio ululante. Mas o termo POBRE, em termos sociológicos, significa «quem tem apenas o necessário», «quem tem o necessário, mas não tem o supérfluo». A este respeito, aliás, lembramo-nos de uma lição do economista inglês John Stuart Mill, em seus «Princípios de Economia Política»: «O melhor estado para a natureza humana é aquele em que ninguém é rico, ninguém aspira a se tornar mais rico e não teme ser forçado a regredir pelos esforços que os outros fazem para se precipitarem na frente».

Diante destas considerações tão evidentes para tantos que conhecem os problemas da conjuntura econômica do Rio Grande do Norte, queremos ressaltar a necessidade do Governo do Estado assumir uma posição, um papel de coordenação, de modo a ser real intérprete das propostas viáveis para a revitalização de nossa economia. Parece-nos, sem pretender ser donos da verdade, nem ambicionar conhecer a economia estadual de modo definitivo, que a crise econômica que se abate sobre o País, com as peculiaridades do nosso Estado e de nossa região, exige uma estratégia governamental mais original, imaginativa, em que o Poder Público contribua, decisivamente, para a superação das adversidades que alcançam todos os setores econômicos.

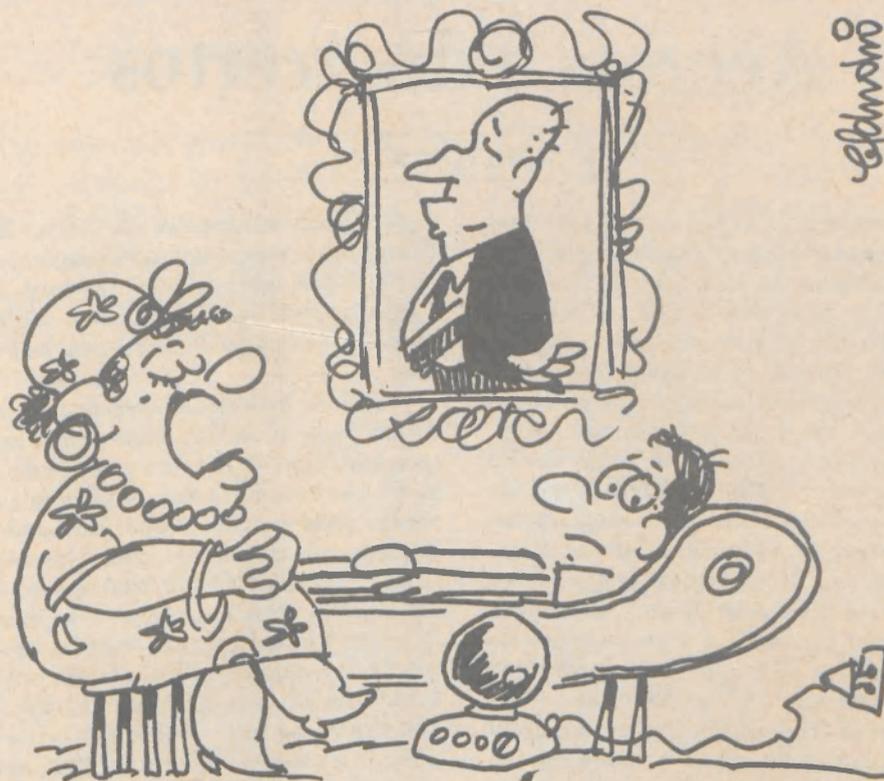
A rearticulação do Governo do Estado com as entidades representativas de nossa vida econômica, certamente, talvez implique numa verdadeira «revolu-

ção» em termos de administração pública numa época de recessão. Esta rearticulação implicaria, inicialmente, numa revisão das prioridades definidas pelo Governo do Estado para o atual período governamental. Resultaria numa melhor identificação da ação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte com os problemas e as reais necessidades do Estado. Citamos, somente para exemplificar, o caso da «Escola Agrícola de Jundiá». Ela foi transferida pelo Governo do Estado para a UFRN em 1970 na administração do saudoso Monsenhor Walfredo Gurgel. Essa transferência se deveu à lucidez e ao pioneirismo do professor Onofre Lopes, que descortinou em «Jundiá» o local apropriado para todo um engajamento sério e eficaz da Universidade visando o desenvolvimento da agricultura e da pecuária no Estado. De lá para cá, infelizmente, os rumos adotados pela Universidade foram outros e o Governo do Estado se omitiu na questão, preferindo ter suas próprias ações sem conjugá-las com a Universidade.

Apesar da pobreza do Estado e das limitações de recursos do Governo Estadual há, ainda, paradoxalmente, muito desperdício de recursos. A estrutura do Estado é, hoje em dia, um «mastodonte», gigantesco, em que vários órgãos fazem a mesma coisa ou não fazem nada. Há paralelismos. Por outro lado, se essa rearticulação tivesse inspirado a atual administração desde o início, certamente que a ação dos bancos estaduais seria outra, constituindo-se em instrumentos de efetiva revitalização da economia.

Entendemos, por fim, que a rearticulação, aqui tão superficialmente proposta, tão sumariamente analisada, despertaria os nossos governantes para eliminar aquilo que se entende por ação «convencional» de Governo, instaurando-se um momento novo em nossa vida política e econômica.

Lembramos, ainda, que a rearticulação é uma exigência, um imperativo para viabilizarmos a livre iniciativa no Rio Grande do Norte e combater as elevadas taxas de desemprego, em Natal e no interior do Estado.



República Popular de Natal e Madame Zazá

E se o Levante Comunista de 1935 tivesse dado certo? Como hoje seria Natal?

Pegamos o ônibus «Rocas-Quintas» e fomos fazer mais uma visitinha a Madame Zazá.

Batemos os pés, entramos e deitamos num divã. E que Zazá está modernizando sua tenda: o cliente consulta a bola de cristal deitado no divã.

— Ando lendo Freud, explicou Madame Zazá.

Liga a bola na tomada, melhora a cor e sintoniza pro canal do futuro ficcional e pum! Estamos na República Popular de Natal.

E começamos a passear pela curiosa República.

Onde seria a Praça Kennedy sua frase “... Se a sociedade livre não conseguir ajudar os muitos que são pobres, não poderá igualmente salvar os muitos que são ricos”, encontraremos a Praça Karl Marx

e a sua frase “Proletários de todo mundo, uni-vos”.

A Praia de Areia Preta mudaria de nome para a Praia de Areia Vermelha, enquanto a Praia de Ponta Negra se chamaria Praia de Ponta Rubra, evidentemente. A Praia do Meio poderia ser chamada de Praia da Esquerda.

Se o cidadão quisesse assistir um Abecezinho e América num daqueles domingos, teria de se dirigir ao Giocondão.

No Potengi, você poderia convidar a namorada para ver o pôr do sol na «Pedra do Proletário».

Aí, perguntei se nessa República haveria algum preso político:

— Não, não vejo ninguém...

— Nem certos diretores de jornal?...

— Ninguém...

— E quem seria o Presidente da República Popular de Natal?

— Dr. Vulpiano, ora essa!

Acertos e desacertos

ROSEMILTON SILVA

Não se pode contestar contra argumentos bem fundados e fatos da mesma espécie. Assim é que o ABC iniciou sua feliz caminhada no Campeonato Nacional deste ano, apagando de momento a triste e melancólica campanha de outros Campeonatos que o futebol potiguar demonstrou a todo esse Brasil esportivo. Sem a necessidade de ir buscar longe seu meio time, o alvinegro aproveitou-se da situação do América que, também pela primeira vez, abriu-se de corpo inteiro cedendo jogadores para a participação do time de Morro Branco na competição. Para mim o mais importante foi o rompimento de uma barreira até então imbecil e sem perspectivas de progressão, esse fator veio exatamente por conta de uma pessoa que poucos esperavam uma reação tão sadia e sem rancores de um final de Campeonato perdido. Disse aqui, por duas vezes que Henrique Gaspar voltou diferente. Mais disposto e sem acatar as frescuras levianas de alguns dirigentes que, parecendo não estarem com a cabeça no lugar, continuavam e até continuam com posições que não condizem com a condição medieval que o nosso esporte maior vinha mantendo sem necessidade, sem expressão e sem progressão na direção certa, no âmbito esportivo e, por quê não dizer, no sintoma decadente de se chegar a lama, ao beco sem saída, a solução inviável nem condizente com as carências financeiras que continuamos a enfrentá-las por importações absurdas e sem respaldo técnico para suprirem o investimento.

Certos estão Henrique e Rui Barbosa. Congruentes são aqueles que comungam de uma mesma opção desde que ela venha, sobretudo, assinalar um período fértil e de construção na ótica convincente da certeza do acerto. Já se passou o tempo em que o futebol potiguar se baseava e se deleitava com o fim do patrimônio dos clubes na inútil busca — exceto algumas exceções — de jogadores de nome. Quem são os ídolos da torcida? Marinho, Silva. Mas quem sempre tem recebido os maiores elogios? Dedé de Dora. Dali de Currais Novos, saído com cara de besta e rumando para a certeza da conquista de um lugar brilhante dentro do futebol. Basta apenas saber ser atleta profissional. Basta apenas querer sem manter em forma sem acompanhar o ritmo maluco de alguns grandes craques. E Sérgio? Com bola cheia. E Baltazar? E Zé Neto? Nomes que não podem e nunca vão sair da boca do torcedor porque sabem tudo de bola.

Eu poderia dedicar até toda esta página para lembrar nomes que passaram despercebidos pela famigerada vontade de contratar um jogador de nome, gastando os tubos para trazer um veterano da segunda guerra que, na sua grande maioria, não veio acrescentar em nada o nosso pobre futebol. Pobre no sentido financeiro mesmo, porque craque nós temos por

aqui. Quem se lembra de Lima, Rômulo, Geraldo, Marquinho, e tantos outros que podem e estão quase se perdendo nas avenidas de Morro Branco e General Everardo sem que os dirigentes sequer os emprestem para outras equipes? Como eles, os exemplos são muitos.

Naquele histórico dia em que Henrique e Rui decidiram jogar a partida final pelo Campeonato do ano passado, ouvi da boca do presidente americano a frase de que este ano o time teria uma característica diferente: seria caseiro. Fiquei sonhando aqui com meus botões e vi expressões quase idênticas nas faces de Marco Antônio, Waldir Monterrey, Madson Fernandes. Enfim alguém estava raciocinando com clareza. O nosso futebol precisa voltar a apanhar os garotos das Rocas, celeiro inesgotável de craques. Perguntem a Baltazar lá na redação da Tribuna do Norte. Vejam sua expressão ao se referir aos craques do Palmeiras. Sintam o mesmo e observem bem sua maneira de falar com carinho dos craques que habitam os terrenos da Segunda Divisão, relegada a um Campeonato — mea culpa também — que não tem a menor expressão em termos de notícia.

Venho insistindo nessa posição. Tenho batido frequentemente nessa tecla e vou continuar enchendo o saco de muita gente. Até mesmo no Campeonato profissional é ruim para aqueles garotos nossos que se largam todos os dias em busca dos gramados. Quando alguém de fora é contratado, é o mesmo que tirar o pão da boca de um desses peladeiros. Tem clube aí que nem ao menos se digna a pagar o ônibus para a garotada se deslocar para o treino. Os garotos vão na base do amor, na esperança cruel e amarga de um dia ter seu lugar dentro do time. Se matam, brigam dentro e fora do campo. Procuram aparecer de uma forma ou de outra. E nada de nada. É vã o trabalho e é a soberba a forma como eles são esquecidos, como são relegados a terceiro, quarto e até quinto planos.

E claro que o distinto aí deve estar dizendo que aqui nós temos um bocado de porcarias. E onde não tem? Quantas vezes os clubes trouxeram porcarias? Várias. Quantas vezes não se investiu em jogadores que se ouvia falar que ele jogava futebol num sei onde e que era bom? Muitas vezes, meu caro. Enquanto isso, os nossos garotos continuam uma luta desigual, sem nenhuma esperança, sem nenhum resultado positivo, sem nenhuma palavra senão de esperança mas, pelo menos, de acalanto, de serenidade, de «chegamos lá». Nunca se sabe quantos se perderam não só no caminho da volta mas também no da ida. E vão continuar se perdendo, até que um dia alguém realmente disposto resolva fazer o que os clubes de Recife fizeram.

NÃO HÁ CRISE QUE RESISTA A PREÇO BAIXO, PRAZO LONGO E PRÊMIOS

E tudo isso que você encontra quando vai comprar um carro em **F. ALVES NETO**. O carro pode ser novo ou usado, que o preço será sempre o mais baixo da praça, com o prazo que lhe convier e financiamento direto. E ainda leva, como prêmio, uma bicicleta de dez marchas. Além de todas essas vantagens,

F. ALVES NETO ainda dispõe de novas e confortáveis instalações na esquina da Prudente de Moraes com Antônio Basílio, com área coberta de 1.800 metros quadrados e onde você pode escolher à vontade entre mais de 100 carros em exposição. Vá conferir. Você só tem a ganhar.



F. ALVES NETO LTDA.

COMÉRCIO DE AUTOMÓVEIS, NOVOS E USADOS

Av. Prudente de Moraes, 1977 Tels.: 231-3790 e 231-5910
Natal — Rio Grande do Norte



O MUNDO ESTÁ COM PEPSI.



CADA VEZ MAIS.



Fabricante dos produtos Pepsi para o Rio Grande do Norte

Inpasa Refrigerantes S. A. — BR-101 — Km 09 — Fone: 272-2429 — Eduardo Gomes-RN